

NÊSTE NÚMERO



O Regente Horthy e a política da Hungria numa documentação completa pela imagem.

(Ver páginas centrais)



Tem talento, trabalha pela sua arte, tem o desejo de viajar e chama-se Marques Ribeiro.

(Ver na pág. 17 uma entrevista com este novo e talentoso compositor)



Maria Eduarda, uma portuguesa que triunfou na rádio brasileira, dá-nos uma entrevista na pág. 3.



Maria Palácios, em «Inês de Castro», a nova produção de Leitão de Barros

(Ver páginas 4 e 5)

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 190

4 DE JANEIRO DE 1945

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

DA CAPITAL

Novo Ano

E' uma praxe velha, quando o Novo Ano se aproxima, fazer um balanço severo ao ano que se foi e tecer um hino de esperanças risonhas ao ano que desponta.

O ano que expira raras vezes tem um sorriso de simpatia. O ano que surge alvoroa as almas, nimbá-as e faz aflorar todas as alegrias. Supérfluo, decerto, averiguar o «porquê» deste aspecto simplista da nossa sensibilidade. Em todos nós há um fundo de simpatia risonha pelo futuro, pelo que ele tem de misterioso e incógnito, e é debaixo que os cépticos nos segredam que por muito que sonhemos o futuro «assim», invariavelmente ele nos surge «assado»...

Se o ano que findou foi um rosário sem interrupção de triunfos e alegrias, a alma humana insatisfeita sempre, espera no ano que se avizinha mais e melhor: sempre a ambição atormentou o homem, e sempre foi o seu calvário e o seu orgulho... Se o ano que o homem acaba de atravessar foi cinzento e cheio de arretias (o diabo não há-de estar sempre atrás da porta!), o novo ano aí vem, redentor, perene de promessas, segredando o segredo do triunfo e da felicidade.

Mas este ano, digamos, o ano ditoso de 1945, não pretende enganar ninguém com simples miragens. Ele acena já de longe uma mão acolhedora, não no gesto mecânico já conhecido de saudação protocolar, mas no gesto acolhedor de nos querer abraçar; o Novo Ano surge-nos em plena confiança da sua felicidade — felicidade que promete espargir às mãos cheias, não só pelos homens de boa vontade, mas largamente, sem reservas, por todos os que se acolhem sob a rosa do sol.

E o ano da paz, da felicidade sob a forma das grandes reformas que os governos anunciam, que nos surge sob o signo de Beveridge, que nos promete a extinção da miséria, a reforma na velhice, o socorro na invalidez, o direito à vida, a derrota da caridade, a valorização da personalidade humana.

E tudo isto sem violências escusadas, pela compreensão dos homens de Estado, traduzida nos seus discursos e nos seus programas de governo. Se 1945, apesar da sua manifesta boa vontade, não efectivar tudo que se anuncia (são tão curtos os seus trezentos e sessenta e cinco dias apesar do acréscimo de algumas horas!), ele deixará o que não efectivar, como uma herança, ao ano de 1946.

Podemos, pois, ter a certeza de que este simpático 1945 é um rapaz leal, bom camarada, cheio de zelo e boa vontade, decidido a um trabalho útil.

Como tal deve ser acolhido, e todos lhe devem dar já a corrente das suas simpatias...

LEONARDO PEREIRA

FALA-SE ESTA SEMANA

PROF. VITORINO NEMESIO



O triunfador do Prémio Ricardo Malheiros, Professor Vitorino Nemesio, deu-se a uma tarefa magnífica: reünir num volume, as

melhores páginas escritas pelos melhores escritores portugueses, a propósito do Natal. O volume, que traz prefácio de Vitorino Nemesio e tem o nome de «O Natal Português», inclui páginas que vão de Gil Vicente a Miguel Torga — duas extremidades, duas épocas com outras épocas intermédias mas que tão bem se compreendem no mesmo ciclo de intenções literárias. «Esta escolha está longe de esgotar os recursos da literatura portuguesa do ciclo do Natal» — diz Vitorino Nemesio. Mas não estará aqui o essencial? Quem poderá deixar de lhe chamar pequena e representativa antologia?

“OS JOSÉS” formaram grupo e distribuíram um bôdo aos pobres

MAIS um «grupo onomástico». Depois dos Carlos, dos Fernandes — surgiram os José, formando turma. E, para logo de entrada — quantos virão a ser os agremiados, neste país de José? — dar bem nítida razão da sua existência e das causas que a fundaram, o «Grupo Os José» iniciou a sua actividade, oferecendo um bôdo aos pobres do seu nome. Deste modo, não só os pobres Fernandes e os pobres Carlos puderam ter um dia de Natal sorridente: os José, mais pobres, visto que tão ricos são no simbolismo do seu nome, puderam pôr mais uma acha no calor da sua alegria.

Da nossa parte, podemos garantir que dois José receberam a simpática contribuição do grupo do seu nome: aqueles dois por nós indicados e que foram contemplados com as senhas oferecidas pelo «Grupo Os José» — e que daqui agradecemos.

NOTAS RÁPIDAS



A esposa do sr. Presidente Carmona tem os seus protegidos. Na véspera do Natal chamou-os a sua casa — à cidadela de Cascais — e entregou-lhes roupinhas e dinheiro. Esta família de pretinhos também foi contemplada.



Os hospitais pareciam pequenos para comportar um público especial: docentes, corpo clínico e administrativo que, na véspera de Natal tiveram a sua festa de arte. Em S. José, onde estiveram membros do Governo, Amélia Rey Colaço e outros grandes nomes da cena portuguesa foram com a sua arte alegrar o Natal dos pobres. Na foto, vê-se Eriko Braga, do Varietales.



Os artistas da Rádio, que trabalham na Emissora Nacional, também quiseram prestar a sua contribuição para o «Socorro de Inverno». A festa por eles levada a efeito, teve lugar na nova sala do Casino Estoril e esteve muito concorrida. Na foto, além dos artistas, vêem-se o sr. presidente da Câmara de Cascais e o sr. Armando Vilas, director do Casino Estoril.



Uma comissão de senhoras, de que faziam parte as esposas dos srs. Governador Civil e Governador Militar, promoveram uma distribuição de géneros alimentícios, brinquedos e roupinhas às crianças pobres da freguesia de Pedrouços. A distribuição fez-se em casa da poetisa Nita Lupi.



Uma portuguesa no Brasil

Maria Eduarda, a organizadora do programa de rádio "Pátria Distante" está em Portugal para tratar de assuntos de intercâmbio

—...Viajei muito, colhi por todo o mundo uma medida certa de beleza mas em nenhuma parte encontrei a sedução do Brasil... Uma sedução que vem da gente e da terra, uma prisão que prende mesmo...

E Maria Eduarda, que conquistou pelo seu mérito, pela sua inteligência, pela sua força de vontade, um lugar destacável no meio intelectual brasileiro, continua a falar, a falar...

Porque ela fala imenso: tem muito que dizer, aquele cérebro sabe muito bem para que existe e, por isso, cumpre a sua função de ditar idéias. Esta rapariga de vinte e poucos anos, que está na nossa frente, desenvolta e corajosamente feita ao mar, para vir do Brasil apresentar aos organismos oficiais um plano de trabalhos de intercâmbio radiofónico, é a filha gentilíssima do ilustre escritor Eduardo Dias, o mais viajado dos nossos cultores das letras, o mais conhecedor das letras orientais. E foi a peregrinação de Eduardo Dias por esse mundo fora, levando pela mão a pequenina Maria Eduarda, que fez desta, certamente, o espírito vivo e cintilante, escolhido pelos elementos oficiais brasileiros, para vir a Portugal.

Maria Eduarda, presa do Brasil e pelos laços do coração — lá casou e lá nasceu a sua filhinha — enquanto sorve o último gole de chá quente porque é friorenta e velo do Brasil em fogo, com um verão excepcionalmente quente — enrola-se mais no seu casaco de peles caras, e explica:

— A verdadeira razão que me

trouxe a Portugal já está dita. Venho para estudar a obtenção de resultados práticos em matéria de radiodifusão...

— E que entidades estão empenhadas nesses resultados?

— O Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil, e o Secretariado de Informação e Cultura Popular de Portugal. Quere dizer, depois do último acôrdo cultural, e que tão bem corou a viagem de António Ferro ao Brasil, teremos, ainda dentro do mesmo espírito de aproximação, este outro que entra nos domínios da rádio e que será de excelentes resultados práticos se a eles chegarmos.

— E tem encontrado ambiente que facilite a sua difícil missão?

— Sem dúvida. Basta ser portuguesa e vir em nome dos brasileiros...

— Ouça — nós ouvimos e gostamos... — que nos diz da sua actualiação, há dias, na Emissora?

— Se ouviu... Quis apresentar, apenas, alguns valores modernos do Brasil. Porque, nestas audições — e V. sabe quanta emoção senti, ao falar da minha terra, de brasileiros para portugueses! — estou a reproduzir o sentimento do meu programa «Pátria distante». Por ele se vê o carinho e a liberalidade com que no Brasil se encara o importante problema de aproximação e revelação dos prosadores e poetas portugueses e brasileiros.

— Mas não acha que os modernos autores portugueses são quasi desconhecidos no Brasil?

— O Brasil, em pleno momento de realizações, não perde ensejo de demonstrar o apêgo dos valores espí-

(Continua na pág. 16)

O luxo na cidade

TODA a gente sofre hoje duma nervose, deveras acentuada; a «luxoflíte». Não há bêco, nem recanto, donde desembocavam, manhãzinha, os vestidos de chita e os challes de ramagens que não tenham já uma população de «boleros» e «pianites».

Bem sabemos não ser isto, na realidade, a expressão do conforto; pois pode haver casação de peles onde não há toalha na mesa, nem lume na chaminé. Mas quede-se o leitor na observância cotidiana do mundo que lhe resvala o ombro; atente, uma tarde, na subida do Chiado ou no cruzar da turba, garrula e impetuosa, nas ruas do baixa — e ficará abismado.

Dá-se hoje por um casaco de peles — aquilo que o «stand» pedia pelo automóvel — vende-se, modestamente, uma jóia pelo preço da empreitada dum prédio — e o cúmulo vai ao ponto de ninguém cair fulminado com as somas pedidas — porque, graças ao bom-senso, está tudo tabelado. Na verdade Lisboa é uma cidade onde o dinheiro abunda. Há milhares e milhares de prédios e todos têm, legalmente, os seus donos. Fazem-se grossos negócios — e se não há exportação o mercado inventou logo, a exploração.

Trinta, quarenta, cem contos por um casaco é irrisório; além disso o abaixo é necessário num país onde trinta dá sombra obriga a luvas.

A «luxoflíte» é uma doença de carácter epidémico, trazida pelos ventos da guerra. A febre dos ornamentos que as civilizações no apogeo mostraram ao mundo — enquanto, em volta, outros seres andrajosos caíam de fome — foram registadas na história, desde Roma a Constantinopla. A orgia dos sentidos, a sede de prazer, o estendal de mundanismo vibram a seguir às derrocadas, para gerar revoluções. E que o homem sente assim a absurda deshumanidade com que labuta a vida inteira. Enquanto ele tem calos na mão — os outros têm casacos de contos — enquanto, moído de trabalho, dorme num estreito cubículo há os que gastam, ruidosamente, em champagne o que ele não gasta num mês.

Há dez anos era um acontecimento, quasi se juntava gente e o próprio Chiado impertigava-se solene para ver duas lindas raposas «argentées» — e um casaco siberiano a abafarem o corpo escultural duma mulher.

Não é que Lisboa fôsse uma cidade pelintra — onde se não conhecesse o uso das luvas, das calças vincadas e dos sapatos com graxa. Mas é que, na realidade, com tanta cousa onde se podia gastar dinheiro o lisboeta medroso achava proeza de nababo a compra dumas peles por contos de réis.

Com o andar do tempo tudo se modificou. Segundo a opinião dum categorizado peleiro que, na R. Rivoli, em Paris, forneceu a aristocracia francesa, antes da guerra, Lisboa é hoje o centro mundano das melhores peles. Nós concordamos.

Isto já não é um centro — é um Jardim Zoológico feminino, gracioso e inofensivo, onde os tigres, as panteras, os leopardos, as onças, as raposas se cruzam inocentes e carinhosas, com os coelhos, os cabritos e os bezêrros lustrosos.

Ainda há dias um amigo nosso nos tocou no braço, alvoroçado, trémulo: — Vês? Vês ali? A tal... a tal!

E logo esclareceu:

— É a madame Jeune. Aquêlê casaco está avaliado em trezentos contos!

De facto, à porta da «Kodak», em pleno Chiado, uma gentilíssima loura

conversava com outra senhora, mais idosa,

— Mas qual é o que custa 300 contos?

— É o da loura, homem, é o da loura! Nem ao menos vês as qualidades...

— E ofendido comigo:

— O outro é de coelho! vulgar coelho! Ao passo que o de Jeune é de...

— Urso, amigo, urso...

MANUEL MARTINHO

Quinta-feira, 21, que foi fazer?...

AO SOCORRO...



A ALMIRANTE REIS...



À PRAÇA DO CHILE...



Já não é necessário encarecer o êxito do nosso concurso ou explicar a forma do seu funcionamento. Todos sabem que, se forem surpreendidos pela nossa objectiva, terão direito a assistir a um dos melhores filmes do momento. E, um dos melhores, precisamente, é o que está a exhibir-se no S. Luis, onde poderão ir aquêlê dos nossos leitores assinalados nesta página. Para isso, bastarão apresentar-se na próxima segunda-feira, na nossa redacção, com êste exemplar da «Vida Mundial Ilustrada», para que lhes seja oferecida uma credencial que, apresentada na bilheteira, lhes dará direito a assistir ao espectáculo.

A propósito de um concurso

O S. N. I. acaba de abrir um concurso para a adaptação cinematográfica de dois romances de Eça de Queiroz — «A Cidade e as Serras» e «A Ilustre Casa de Ramires» — com vista de «associar o Cinema português à comemoração do primeiro centenário» do ilustre escritor.

Merece aquêlo organismo que registemos o facto como sintoma do interesse que, dos poderes públicos, vai merecendo a nossa cinematografia. Mas não podemos deixar de fazer alguns comentários.

Em primeiro lugar, cremos que todos os problemas que se levantam, para a transposição ao cinema das obras de Eça de Queiroz, o mais grave e o mais transcendente é, sem dúvida, o da adaptação cinematográfica. Tão importante e tão fundamental, que consideramos todos os outros secundários. A sequência cinematográfica («decomposição por cenas»), constitui a própria estrutura do filme. E se restassem dúvidas de que assim é, a base XVII corroboraria tal convicção. Em nosso entender, a tarefa, pela sua complexidade e delicadeza, não pode ser levada a cabo por curiosos ou por literatos. Nem tão pouco, com probabilidades de êxito, por um técnico de cinema, isoladamente. Nos países onde a indústria de cinema tem o carácter de seriedade patenteado na própria perfeição técnica, o «screen-play» é, por via de regra, o ponto de um longo e exaustivo trabalho de colaboração, por mais competentes e experimentados que sejam os autores do manuscrito. Colaboração tendente a aproximar o filme da perfeição ideal.

E, assim, o júri, pela sua própria constituição, parece-nos mais habilitado a poder realizar, em comum, uma «sequência cinematográfica» satisfatória. Lá está o técnico não concorrente, que será, por certo, pessoa de reconhecida competência; o chefe da secção de cinema do S. N. I., jornalista e crítico cinematográfico dos mais considerados; o representante da família Eça de Queiroz, que se pronunciará, «au fur et a mesure», da tarefa realizada, de acordo com as directrizes que vão condicionando, no júri, a sua actuação; o crítico cinematográfico, para discutir o valor e a justificação das idéias e contribuições de cada um; e, finalmente, o próprio Secretário Nacional, com a sua indiscreta autoridade de artista e de realizador, a super-visor e orientar a árdua e difícil missão de levar para o cinema, sem trair nem desfigurar dois dos mais célebres romances das letras pátrias.

O prazo para a entrega dos manuscritos afigura-se-nos diminuto, sobretudo se o compararmos com aquêlo de que dispõe a comissão encarregada de apreciar os trabalhos. Enquanto os adaptadores têm, diante de si, sessenta dias para erguer uma obra — ao júri são concedidos trinta e um dias para a elaboração dos respectivos pareceres. Quanto ao prémio, anotemos que é pecuniariamente inferior ao que se tem pago correntemente por outras adaptações, de muito menos responsabilidade.

(Continua na pág. 16)



Antonio Vilar e Maria Palácios desempenham os papéis de «D. Pedro» e «Inês de Castro»

Cinema luso-espanhol

Falam os técnicos que realizaram o filme «Inês de Castro»

O intercâmbio espiritual da península ibérica, cujas finalidades são as mais úteis à evolução civilizadora dos dois países, avulta e parece querer rasgar horizontes mais vastos, a produção cinematográfica. Começou com a troca de filmes inteiramente realizados em cada uma das nações, e, enquanto Madrid aplaudia o filme português «Roupa Branca», Lisboa acolhia com extraordinário sucesso a película espanhola «Carmen, a de Triana». Continuou com a ida de artistas portugueses para os estúdios espanhóis.

Agora, Leitão de Barros foi convidado para dirigir uma super-produção em Espanha.

Começou a «rodar» o seu filme «Inês de Castro» com um torneio medieval no Porto, e continua em Alcobaca precisamente no dia do aniversário dos funerais de Inês. Alcobaca viveu por alguns dias o clima duma cidade de cinema. Produtores, técnicos e artistas receberam a colaboração do povo da terra, numa compreensão nítida de bem servir a história dos dois túmulos, que são «a nossa mais riquíssima jóia de escultura tumular».

Filmou-se ainda em Lisboa e Coimbra e, agora, passados meses, nos estúdios da Roptence, em Madrid, onde procurámos as entidades produtoras e os principais colaboradores técnicos, que estavam, nessa altura preocupados nos últimos retoques do filme dos amores de Inês.

Tinham algo para dizer de útil para a realização de outros trabalhos nestes moldes de colaboração ibérica. Por isso registamos e publicamos em seguida as suas oportuníssimas declarações:

PRODUÇÃO: DIAS AMADO

Primeiro amigo do cinema luso-espanhol. Incansável trabalhador a quem Espanha já muito deve e Portugal ficará devendo a primeira super-produção histórica portuguesa. Recordamos, neste momento, os seus filmes «Raça»,



Nesta cena, além de Antonio Vilar e Maria Palácios, intervêm Villaret



Maria Dolores Pradera, no papel de «D. Constança», no momento da sua morte

artístico e industrial dos nossos dois países.

«O exemplo de «Inês de Castro» deverá ser seguido, e assim entabulamos conversações novamente com Leitão de Barros, com António Lopes Ribeiro e Artur Duarte, no sentido de prosseguirmos a obra iniciada.

REALIZAÇÃO: LEITÃO DE BARROS

Taga da Viena de Venesa e primeiro realizador português convidado a dirigir um filme no estrangeiro.

— A colaboração luso-espanhola é muito difícil em matéria de espectáculos, e especialmente em cinema. O «estilo espanhol» é muitíssimo diferente do português. Nós somos mais sóbrios, mais tristes e menos violentos. E, portanto, difícil dirigir uma película que sirva, simultaneamente, dois públicos com a pretensão de ser nacional nos dois países. O que em Portugal é exagero, dispersão, fica em Espanha aquém do que é preciso. Por isso adoptei na «Inês de Castro» uma orientação mais universalista sem a preocupação de fazer cinema local como até aqui, sacrificando pormenores de rigorismo próximo a finalidades mais largas e a sínteses capazes de serem compreendidas por platéias estrangeiras.

«A minha equipa portuguesa, posso dizer-lo, teve um êxito proporcional que nos orgulha, e penso que a minha iniciativa de propor o tema «Inês de Castro» audaciosamente em Madrid, e a uma casa espanhola, servirá para

demonstrar que o nosso país, apesar de ter pouquíssimos artistas dramáticos mesmo em relação à sua densidade populacional, possui um índice cultural de arte, no sector do espectáculo, interessante e elevado.

«Quando o nosso Governo considerar o esforço heróico que fazemos para que Portugal não renuncie à sua presença no cinema, e quando os chefes da nossa cultura atentem o transcendente valor, necessário e imprescindível valor, que tem o cinema como instrumento idiomático, literário e nacional, é possível que possamos fazer entre nós, sem auxílio algum, mais do que puramente industrial, filmes como «Inês de Castro». Não esqueçamos que se trata duma bela afirmação da indústria espanhola, mas onde Pierre Shild, arquitecto, é russo; Gartner, operador, é austriaco; São Leonard, chefe da montagem, é francês; Garcia Viñolas, acesor-artístico, é espanhol; eu, o realizador, sou português, e que só assim, com equipas internacionais, o cinema pode começar a deixar de ser feito para um bairro e poder alargar-se a um continente.

DIRECÇÃO ARTÍSTICA: GARCIA VISOLAS

Super-visor da versão espanhola de «Inês de Castro», poeta, jornalista e crítico, foi o realizador do filme «Bodas em Castilla».

— «Inês de Castro» é para nós, e antes de tudo, um grande intento de colaboração. E, se é certo que a palavra colaboração resulta difícil para o nosso temperamento e mais difícil para o labor cinematográfico, este primeiro ensaio tinha que apresentar compreensíveis problemas. Não sei se o resultado virá a corresponder ao nosso esforço, mas eu quisera que ao menos desse idêia do ambiente cordial em que decorreu o nosso trabalho, devido ao inteligente labor de Leitão de Barros e à arte de António Vilar, que deve ser, se ele o quiser, uma das primeiras figuras do cinema europeu, sem esquecer ainda o talento e a elegância artística de Carvalho, Villaret, de Erico Braga e de Ruas, uma recordação cordial e sincera que o negtivo de «Inês de Castro» deve gravar com a sua sensibilidade.

FOTOGRAFIA: ENRIQUE GARTNER

Um dos melhores operadores europeus, tendo filmado em Portugal «Gado Bravo» e «Pupilas do sr. Reitor».

— Como sabe, trabalhei em Portugal há bastantes anos. Conheço bem todas as prodigiosas gradações da sua luz, e sei que logra nas ilhas dos Açores os matizes mais finos que conheço.

(Continua na pág. 22)



Uma cena grandiosa do filme. Inês de Castro, em Alcobaca



Ainda uma outra cena grandiosa das muitas que o filme encerra

FITAS FALADAS

S. Luis - Um rival nas alturas

ESTA história, nas mãos de um cineasta francês de «avant-guerre», teria dado um filme quase escandaloso. Mas tratada pelos americanos mantém o equilíbrio necessário para não chocar as Ligas da Moral, nem acordar o azedume latente do sr. Hays... É claro, a culpa é de William Powell! Quando se tem uma mulher como a Hedy Lamarr, não se podem passar as noites em claro — a olhar para as estrêlas... E certos cataclismos que se dão em vários lares, a desafiar o equilíbrio do sistema astral, acusam muitas vezes esta origem cósmica — o marido andar na lua...

Tenho pela astrologia a mais respeitosa consideração, desde que soube que a terça-feira era o meu dia de azar. Com efeito, na primeira terça-feira após a revelação dei uma queda, durante um passeio de bicicleta, e andei vários dias de braço ao peito... Muito embora os técnicos alinhasssem várias justificações para o acidente, para mim ficou sempre a convicção de que a coisa acontecera porque Saturno e a Lua andavam de candeias às avessas, talvez por aquêlo teimar em não lhe oferecer o anel... Compreendo, por êsse motivo, a perplexidade da Hedy Lamarr quando a informaram de que os astros comandavam o seu destino — e que a levavam desde enfermeira da asma do marido até à condição de mulher dos sonhos de um dedicado guardião da defesa passiva... Valeu ao William Powell o outro ser da «defesa passiva». Porque se pertencesse aos «comandos», estou convencido de que passaria a vida a olhar a Hedy Lamarr pelo gigantesco telescópio do observatório...

«Um rival nas alturas» — porque lhe não terão chamado, como no título inglês: «Um corpo celestial»? — é, assim, uma comédia deliciosa e encantadora, com os seus laivozinhos de sátira e de crítica ao eterno feminino. Tudo aquilo que, tomado a sério, redundaria em profundamente «shocking», é discutido e apresentado com tal candura e ingenuidade que o picante deixa de ser indigesto... Só Hollywood sabe temperar com esta mestria. E, assim, o filme ficará como um modelo de que alguém chamou «marivandega americana».

Um dos espectadores, no intervalo, comentava: «Acho a história pouco real!... Qual era o homem que se esquecia de uma mulher daquelas»...

E lembrei-me, nessa altura, das palavras de uma jornalista que entrevistou a Annabelle, então a filmar com o Charles Boyer:

— V. é uma rapariga de sorte! De dia, cenas de amor com o Charles Boyer! À noite, chega a casa e lá tem o Tyrone Power à sua espera!...

FERNANDO FRAGOSO

O jantar de Natal

por Fernando Avila



RUFINO gostava de festejar bem o Natal. Comprava sempre uma gravata para estreirar nesse dia, apresentava com uma prenda de valor a mulher e oferecia um

opiparo jantar à família.

Este ano também não quis faltar. E com a devida antecedência dispôs as coisas para que o Natal fôsse mais uma vez comemorado com festa de arromba.

A mulher já há tempos que andava a bichanar-lhe o desejo de possuir umas raposas, daquelas que andam aos ombros das senhoras a morder uma na outra, e a fazer-lhe a vontade. Também ao jantar dêsse dia viria — já era tradição — a sogra. Nesta quadra festiva era já hábito haver um armistício.

Oito dias antes começaram os preparativos. Veio uma mulher a dias para encerrar a casa de jantar e, aproveitou, e tirou as tiras das janelas e lavou os vidros, operação que já se não fazia há ano e meio, desde o último alarme aéreo. A criada areou o faqueiro que os padrinhos ofereceram pelo casamento e a baixela de Sacavém foi apeada do armário.

O menù foi discutido em várias reuniões. O Rufino queria, à viva força, pratos esquisitos nesse dia,



pois já estava farto de comer galinha todos os dias, cozinhada das mesmas cem maneiras com que, em tempos que já lá vão, se fazia o bacalhau. E também queria doces, fazia questão disso, pois, afirmava, desde que em Dezembro a ração do açúcar tinha sido aumentada em mais quatrocentas gramas podia muito bem fabricar-se umas goli-seimas.

E, além disso, ele estava disposto,

com as «broas» que recebesse no emprego, a comprar um Bólo-Rel, embora não pudesse avançar num muito grande.

Fizeram-se os convites. Como de costume, vinha a família toda: o irmão do Rufino com a mulher e os dois filhos; a irmã de sua mulher com o marido, e a sogra, que aparecia sempre de grande uniforme como era de uso em dias de gala. Ao todo, nove pessoas à mesa.

Na véspera do grande dia houve uma cena de ternura. O Rufino foi-se às economias e deu três contos à «patroa» para ir comprar as raposas e mais o dinheiro para as despesas do jantar, cujos ingredientes já haviam sido encomendados com a devida antecedência e os fornecedores não faltariam com coisa nenhuma, pois tinham recebido para isso cartas de recomendação de pessoas altamente colocadas, às quais não deixariam de atender.

Finalmente, chegou o dia 25 de Dezembro.

O jantar foi um delírio e agradou muito aos convidados. Sobretudo, impressionou pela série de iguarias já hoje postas de parte. O caso foi mesmo falado durante alguns dias, pois ninguém conseguiu averiguar como a mulher do Rufino tinha conseguido arranjar aquilo tudo.

A sopa deu logo motivo a felicitações. Era de feijão encarnado, e houve quem supusesse que o feijão era colonial e tinha sido roubado de algum daqueles frascos que estão em exposição nas montras da Sociedade de Geografia, visto que nas mercearias não aparece val para um par de anos.

O segundo prato provocou lágrimas de comoção em todos os convivas. Era uma pescada em tamanho sobrenatural igual àquelas que havia antigamente embalsamadas nas montras dos restaurantes. As pessoas crescidas perceberam logo do que se tratava. Ainda retinham na memória o feito das pescadas, mas foi um

trabalhão para convencer as crianças a comer daquilo, porque a mais velha, que já ia em seis anos, nunca tinha visto um peixe assim.

A pescada marchou toda e nem as espinhas escaparam para dar ao gato, pois o Rufino não queria habitual mal o «Angorá».

Quando veio o terceiro «prato» houve «cenas» patéticas: eram bifes de vaca, mas de vaca das antigas, das boas, e não dumas que há agora que dão leite com água. O cunhado do Rufino não resistiu e botou dis-



diziam, em voz muito alta, o que tinha sido o menù, para os outros infelizes do prédio, que não tiveram outro remédio senão comer galinha e peru e pudins instantâneos, se morderem de inveja.

No sossêgo do lar o Rufino felicitou calorosamente a cara-metade pelo banquete que conseguira apresentar.

— Só lamento — disse — que não tivesses mostrado, aos convidados, o par de raposas que te ofereci. Custava que éles vissem o meu presente de Natal.

A adorável esposa sorriu, mas nada disse. Como, porém, o Rufino quisesse ver as peles, não teve outro remédio e confiou-lhe:

— Ó meu querido, desculpa, mas o dinheiro que me deste já não chegou para as «boas». Gastel-o todo no jantarinho.

E para o consolar:
— Ora, deixa lá. Raposas há todos os dias, ao passo que pescada e bifes é só lá de ano a ano.

GENTE A MAIS

Um cavaleiro espanhol, nobre como o rei, católico como o papa e pobre como Job, bateu, certa noite, à porta de uma estalagem.

— Quem é? — perguntou o sono-

lento estalajadeiro, abrindo o postigo.

— É D. Juan Pedro Hernandez Rodriguez de Villanueva, conde de Malafa, cavaleiro de Santiago e de Alcântara.

— Sinto muito senhor, mas não posso hospedar tanta gente.

E bateu-lhe com o postigo na cara.

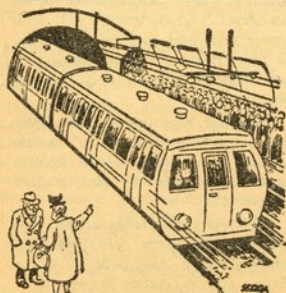
HISTÓRIA INDÚ

Um indú apresenta-se à porta do paraíso e Brahma pergunta:

— Já estiveste no purgatório?

— Não. Mas fui casado e tive sogra.

— Entra. O suplício que amargaste dá-te direito ao gozo paradisíaco.



FENÓMENO MODERNO

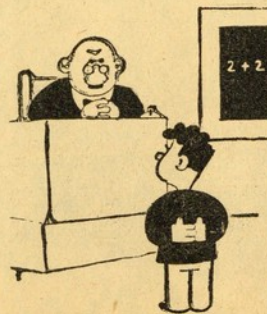
— São estas novas carruagens aerodinâmicas?

— Não, minha senhora, são as carruagens antigas que, com o excesso de lotação, deram de si...



NO BARBEIRO

— V. Ex.ª deseja uma fricção?
— Sim, neste braço, que souro de reumatismo.



LIÇÃO DE ZOOLOGIA

— Diga lá: que têm os elefantes de particular?... Sim, qualquer coisa que só éles podem ter?... — Elefantezinhos...



UM BOM EXERCÍCIO

A SENHORA — Deixe lá, Vicência, hoje trato eu do candrão, que o médico recomendou-me exercício.

ITINERARIO PITORESCO



HISTÓRIA BREVE DA CIDADE DE SÃO PAULO

FOI em 1553 que se estabeleceu no planalto entre os rios Tamanduatehy e Anhangá um aldeamento, em redor dum colégio de jesuítas, que mais tarde se tornaria na cidade de São Paulo do Campo de Piratininga, ou seja, São Paulo, a mais característica das cidades brasileiras.

Nos primeiros tempos a vida por ali foi verdadeiramente agitada e, conforme conta um dos cronistas da cidade «os caciques tinham de guardar as entradas para que na casinha de pau-a-pique, coberta de palha, de catorze passos de comprimento por dez de largura, entre o fumo da cozinha e a névoa do altiplano, pudesse José de Anchieta con-

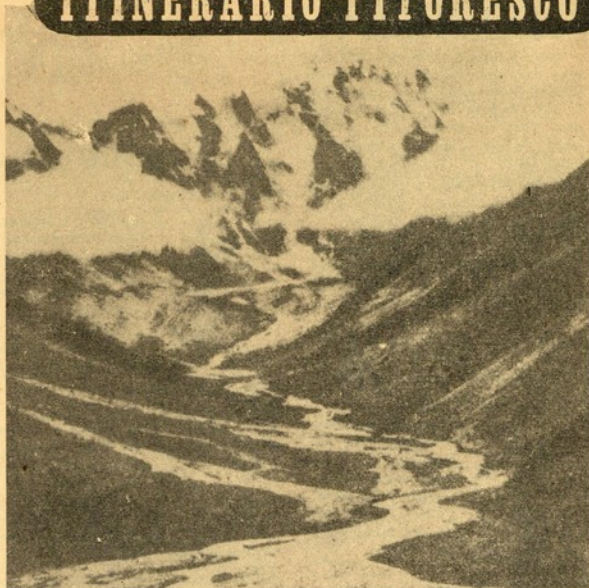
quistar para a Civilização e para a Igreja os indiozinhos ali aldeados».

Elevada à categoria de cidade, a capitania de São Paulo e Minas de Ouro, por D. João V, em 24 de Julho de 1711, começou então a fazer o seu desenvolvimento gradual.

Ao período de transição, um pouco mórbido, seguiu-se a época dos bandeirantes, em que São Paulo marcou uma notável posição de realce.

Bem dizia Capristano de Abreu numa das suas memoráveis frases ao nome de São Paulo há-de ecoar poderosamente no futuro.

E, de facto, assim é. São Paulo é uma das grandes, das maiores cidades da florescente república brasileira, irmã da lusa república.



PASSADO PRESENTE E FUTURO DO CÁUCASO

O Cáucaso foi há bem pouco tempo um dos grandes cartazes desta guerra brutal que ainda hoje enluta o Mundo. Agora, a sorte das armas trouxe para o primeiro plano dos noticiários outras regiões e outros interesses...

Mas, apesar de tudo, o Cáucaso prende-nos sempre a imaginação, pelas mil lendas e pelos mil boatos sem fim que ajeitam ao seu redor.

Já no passado — e na própria tradição — o Cáucaso era, por excelência, uma região de romance e de mistério e de aventura.

...Conta a mitologia que Prometeu, o satânico deus do fogo, filho de Titan Japeto e irmão de Atlas, subiu ao Cáucaso para desvendar os segredos divinos. Ele queria formar o homem com o limo da terra e dar-lhe vida com o fogo do céu. Mas Júpiter encolerizou-se com a ambição de Prometeu. E, como castigo supremo, mandou que Hehepaistos o acorrentasse e fizesse com que um abutre devorasse lentamente, muito lentamente, o fígado de Prometeu...

E narra, também ainda, a tradição dos tempos que mais tarde esses lendários heróis gregos chamados Argonautas e dirigidos pelo indomável Jasão passaram pelo Cáucaso na sua aventureira viagem em busca do Velo de Oiro...

Mas, na verdade, o Cáucaso abrange as repúblicas de Kalmyk, Dagestã, Arménia, Geórgia e Azerbaigã, onde vive uma população poliglota de mais de 50.000.000 de habitantes. Essa população é das mais estranhas de todo o mundo, pois compõe-se de georgianos, tártaros, turcos, russos, judeus, cossacos, arménios, persas, gregos, etc.

Um aventureiro célebre escreveu que o Cáucaso devia ser «o inferno da terra». Porfm, ele era um despitado...

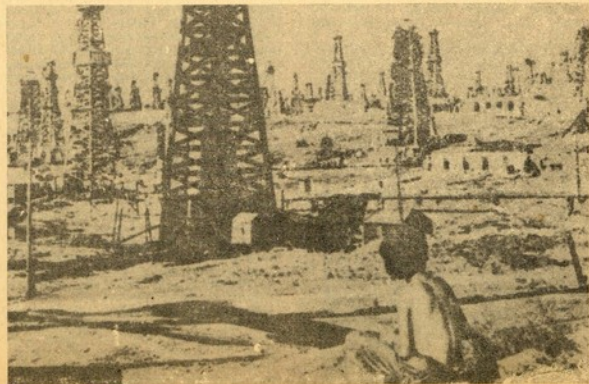
Ainda que repleto de picos altíssimos de florestas, de geleiras e de precipícios inesperados — o Cáucaso oferece aspectos magníficos, ricos de sugestão e de encanto, a par doutros trechos bravos e misteriosos.

Basta reparar nesse surpreendente Vale de Dournala Sou, onde se ergue, ao fundo, o Breithron d'Ully Auz, com 4.246 metros. São montes enormes, atapetados de neve e namorando os vales profundos em que correm as águas caudalosas que buscam a libertação no Mar Negro e no Mar Cáspio...

Contudo, o maior interesse — maior, sem dúvida alguma! — que o Cáucaso oferece no presente e no futuro já não é o segredo divino ambicionado por Prometeu, nem, tão pouco, o sagrado Velo de Oiro, dos tempos dos Argonautas. Não! Hoje o interesse pelo Cáucaso reside todo nos seus famosos poços petrolíferos e as suas outras riquezas, tais como o manganês, o carvão, o ferro, a prata, a nafta e ainda os seus vastíssimos campos de trigo, de algodão e de tabaco.

Tornado absolutamente transitável desde os anos em que Catarina dominou a Rússia, pois data de então a grande Estrada Militar Georgiana construída brilhantemente pela engenharia, sob a direcção do extraordinário General Potenkrin, um dos favoritos da imperatriz — o Cáucaso possui actualmente condições essenciais para se tornar ainda mais rico e fértil.

Revestido pelas tradições lendárias do passado, notável pelos acontecimentos do presente — o Cáucaso deve projectar-se no futuro como uma das mais famosas regiões do mundo!



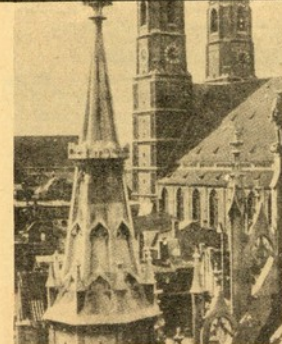
IMAGENS DO MUNDO



O COMULO DA CIVILIZAÇÃO — Dois policiais de Bombaim exibem numa das ruas principais da cidade um grande cartaz com os seguintes dizeres: «Concerto Sinfónico. Pedese o favor de passar em silêncio. E agora digam que a Índia está atrozada...»



Igreja popular na Suécia, com os seus tradicionais devotos, nos trajes da religião.



Trecho pitoresco da catedral de Munique, com as suas características torres, cujos zimbórios recebem do povo a designação vulgar de «cebolas»...



O famoso «Ninho dos Passarinhos» construído pelos presidiários de Sing-Sing.

RADIO

Um pequeno inquérito. Agora que um novo ano começou, todos podem responder com um certo sossego à pergunta que a si próprio cada um há-de ter feito: que mais gostaria que lhe trouxesse o novo ano?

E as perguntas e as respostas seguem-se...

BEATRIZ SOUSA SANTOS



Pianista e «vamp»
A América espera-
ra... Parte em
Abril...
Disse-nos:
— Um ano, com
Abril no lugar de
Janeiro...

MAGDA PORTUGAL



Cañonista. Bra-
sileira do Rio de
Janeiro, que so-
nha com o re-
gresso... Suspirou:
— Saúde, di-
nhado e amor...
no Rio!

SOUSA PINTO



Director da Or-
questra portugue-
sa mais viajada...
Disse, serenamente:
— Um bom con-
trato com a or-
questra aumen-
tada...

LANÇA MOREIRA



Locutor e depor-
tista... Uma voz
grossa num corpo
grosso... Muita
força e muita
voz...
É claro que...
— Saúde e des-
porto.

Que mais gostaria que lhe trouxesse 1945?...

A gente da rádio responde...

ARTUR AGOSTINHO



Locutor e alferes.
Anúncios e conti-
nências... Traba-
lhador sincero,
muito discutido e
comentado...
Queria:
— Uma nova
«onda» com menos «parasitas»...

RUI FERRÃO



Um baixo... Ra-
paz alto e artis-
ta... Cantor, actor,
declamador... Rá-
dio... Teatro...
Pretendia:
— A possibili-
dade de mostrar
as habilidades tôdas...

ETELVINA LOPES DE ALMEIDA



Locutora... Mu-
lher de acção...
Jornais... livros...
crianças...
Criteriosamente,
gostaria de encon-
trar...
— O contenta-
mento próprio do seu trabalho...

TRIO LAMITI



Três raparigas,
três vozes, três
sorrisos, e... um
cavaquinho...
Disseram em
côro — como sem-
pre:
— Um cavaqui-
nho novo e mais rendoso...

DR. JULIO DA CUNHA GONÇALVES



É indiano, muito
alto... Trabalha
na discoteca da
E. N. e mexe to-
dos os dias em
centenas de dis-
cos...
Formulada a
pergunta, disse, «profundamente»:
— Bons dias de todo o mundo...

PEDRO MOUTINHO



Locutor para todo
o serviço... Dina-
mismo e calma-
ria. A «melen» sen-
sacional que em
Fátima se encheu
de êxito... A voz
mais radiofónica
dos nossos locutores... Disse no seu
ar sacudido:
— Muitas «fans»... Muitas «Fá-
timas»... Muitas «fanfãs»...

JOANA CAMPINA



Locutora discuti-
da... Ser ou não
ser, eis a ques-
tão... Simpatia in-
discutível... A «Se-
nhora doutora»
mais infantil do
mundo...
1945 seria bom, se lhe trouxesse:
— O lugar certo de locutora e
um «magazine» radiofónico...

ALBERTO PREPEZAS



Locutor... Pouco
tempo de E. N....
Boa vontade e
bom rapaz...
Que bom, se
conseguisse:
— Trabalhar,
agradar e amea-
lhar...

HUMBERTO MERGULHÃO UM VALOR DA NOSSA RADIO

ES um nome que os rádio-ouvintes conhecem! A sua actividade na Rádio portuguesa tem sido sempre digna de toda a simpatia, pelo seu esforço e boa-vontade e pelo acerto de muitos dos seus trabalhos. Humberto Mergulhão, que é jornalista, começou há 15 anos em C.T.I.B.O. — Rádio Hertziana — ali fez palestras, diálogos, etc. Tendo ingressado no quadro do antigo S.P.N., prendeu a sua actividade à Rádio Centralizada de Lisboa, onde apresentou diversos trabalhos e locuções. Recordamos a série «Nolivos que viajamos», realizada com Rodrigo de Melo. Passou pela E. N. como intérprete do programa «Cultura Popular» e produtor de programas infantis. Foi, no entanto, em Rádio Clube Português que Humberto Mergulhão desenvolveu uma actividade incansável, de que, pela quantidade de trabalhos, apenas nos é possível dar um breve resumo:

Crítico literário desta estação — secção que criou — apresentou ao

microfone de R. C. P. a tertúlia literária de que fazem parte os melhores nomes das nossas letras; entrevistou escritores portugueses e estrangeiros; organizou concursos com a colaboração do Grémio dos Livreiros e a Imprensa de Lisboa e provincia. Manteve durante dois anos a secção literária do R. C. P. Outra iniciativa de Humberto Mergulhão, que o público colheu com verdadeira interesse, foi a criação do programa açoreano dedicado aos Açores. Nestes programas passaram presidentes das Juntas Autônomas de Províncias, presidentes de Câmaras, presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada, escritores, jornalistas, músicos, artistas plásticos, personalidades em destaque relacionadas com os Açores, etc.

Apresentou ainda nesta série, programas directos de música folclórica com a colaboração dos melhores conjuntos e elementos musicais dos Açores como, por exemplo, o Conjunto Coral do Falal. O programa açoreano, que teve também a colaboração da locutora açoreana Natália Correia, prendeu sempre o ouvinte da metrópole e aqueles a que se destinava.

Ainda, com a colaboração dos locutores Silva Pinto e Lança Moreira, foi Humberto Mergulhão o elemento certo dos programas de variedades que durante mais de 1 ano R. C. P. transmitiu.

Se juntarmos esta actividade — simples, resenha dum labor enorme — às suas locuções, interpretação e demais trabalhos radiofónicos, ficamos com a certeza de que Humberto Mergulhão é um trabalhador de raras qualidades, a quem a radiodifusão portuguesa deve um enorme número de bons serviços.

Humberto Mergulhão, por motivos que não vêm para o caso, abandonou a Rádio. Esperemos, pois, que volte à actividade, reaparecendo como o obreiro dedicado que faz falta à Rádio portuguesa.



«GONGS»

Rádio Clube Português transmitiu um programa com os artistas Fausto Caldeira e Tito Lívio e os locutores Mary e Artur Agostinho, apresentando um processo de publicidade que embora seja lugar comum na Rádio estrangeira — nos traz a certeza de que o réclame radiofónico feito nesses moldes se torna atractivo e interessante. De facto, o programa agradou e os interesses de todos foram assim melhor cuidados. É de esperar que os anunciantes, em geral, adoptem esse processo, aparentemente mais caro mas de muito melhor resultado e de muito maior interesse radiofónico.

* A Imprensa começa a sentir que a Rádio merece interesse geral e que os radiófilos já não são em número que se possa desprezar... Um diário lisboeta vai dedicar a sua atenção a assuntos de Rádio, através duma página quinzenal que se começará a publicar regularmente no princípio do próximo ano. Consta, também, que um semanário de Lisboa vai começar a publicar, sob o título de «Críticas e comentários radiofónicos».

* Rádio Continental continua a ter um nível que não é, de forma alguma, compatível com a sua função... Porque não escolhem um locutor apenas «sôbre» — mesmo sem mais qualidades — que a antena da estação e os discos, e «diga» — não «declame» — exclusivamente o que vão ouvir e o que acabaram de ouvir?... É preferível às locuções complicadas, aos anúncios «torcidos», aos efeitos de voz e às inflexões viduosas, que actualmente se ouvem neste pósto. E porque não acaba com certos péssimos programas...

* Eis um excerpto duma notícia de «O Norte Desportivo», de 10-12-44: «Os nossos emissores continuam a cultivar, de maneira assombrosa, o disparado e o escarvo, o ruidoso e as vidosas, que actualmente se ouvem neste pósto. E porque não acaba com certos péssimos programas...»

«Sem comentários...»

«O Norte Desportivo» refere-se às estações centralizadas do Pôrto...

* Artur Agostinho tem apresentado ao microfone de R. C. P. alguns programas da sua autoria, com verdadeiro interesse. Digno de menção especial, o transmitido em 17 — «Noite dos Associados» — feito nuns moldes originais de boa imaginação.

* O sr. Júlio Silva, da Ideal Rádio do Pôrto — pouco contente com afirmações vindas nesta página, feitas numa entrevista pelo sr. Júlio Nogueira, do Rádio Clube Lusitânia, e com alguns «gongs» que aqui publicamos — escreveu ao redactor destas linhas e, depois, ao director desta Revista, pretendendo uma defesa do que é considerado «menos verdadeiro», e pretendendo saber quem é o responsável do que aqui se diz. Não vale a pena — pois até parece publicidade — dizer mais uma vez, que a responsabilidade de tudo o que «sôbre Rádio esta página publicar, cabe ao nome ou às iniciais que a subscrevem. E também não vale a pena, ao sr. Júlio Silva, pretender polémicas ou desmentidos publicitários, porque aqui trabalhamos a bem da Rádio, lutando com pouquíssimo espaço e atacando e defendendo aqueles que a nossa justiça nos aponta. Se nem sempre somos da opinião do sr. Júlio Silva é porque chegámos à conclusão de que assim é preciso avaliar a Rádio, que anda, principalmente pelo Pôrto, tão por baixo... Temos dito aqui mal e bem de todas as estações e de muitos profissionais e amadores que nunca, até hoje, reagiram contra nós... E, temos a certeza de que todos, com mais levante do que o sr. J. Silva, poderiam procurar atenuantes e defesas... Julgará o sr. J. Silva que o seu trabalho é perfeito e fora de qualquer crítica ou comentário?... Calma, muita calma... Não o atacamos a si, sr. Silva, e sabemos tudo o que tem feito em favor da Rádio portuense. Não reagamos os louvores que merece... Simplesmente, defendemos a Rádio e atacamos o que há de mau — e é muito — no actual trabalho da sua estação. Faça bem, ou melhor, e nós o diremos.

* Muito bom o trabalho de Adolfo Simões Müller, transmitido numa emissão infantil. «E nessa noite os animais falaram...» Este «Autozinho do Presépio», como o autor lhe chamou, é bem o modelo da literatura infantil de que a Rádio precisa.

CARTAS DOS OUVINTES

UMA ADMIRADORA (Santarém) — Obrigado pelas suas amáveis palavras. — R. C. P. deve melhorar em breve as suas condições técnicas. Tenha paciência e espere. — Escreva para R. C. P. Envie 2850 em selos. — Talvez.

GALANTINA (Barreiro) — Alberto Afonso, antigo locutor de Rádio Peninsular. — Escreva para R. C. P. Envie 2850 em selos. — Julieta de Castro casou. Alberto Ribeiro está em Espanha.

R. A. C. (Avelro) — Escreva para a E. N., Rua do Queilhas, Lisboa. — João da Câmara.

UMA DESILUIDA — Nada há do que diz e nunca se fez qualquer referência «pouco lisonjeira» como reflexo de qualquer questão pessoal, que, aliás, não existe.

«STAR DUST» (Lisboa) — Torno a dizer-lhe que procure a «História General do Jazz», de A. Coneray!... Neste livro encontrará, além dos ensinamentos que procura, a tal lista de trechos «tipos»... Procure-o na Livraria Bertrand.

ELX (Lisboa) — Leia a resposta anterior. — A E. N. pensa começar em breve o tipo de programas em que falou.

ROSA ENDIABRADA — Por favor... Que pode interessar isso, do ponto de vista radiofónico?...

As três pancadas

"A pobreza envergonhada"

FERNANDO Santos e Almeida Amaral — a parceria que tem sempre em cena uma, duas e às vezes três peças ao mesmo tempo — deu-nos o primeiro original do ano. E não se pode dizer que a estreia não fosse auspiciosa. De facto, «A pobreza envergonhada», se não é ainda um modelo de peça teatral, acaba, na verdade, tão grandes progressos dos seus autores, que nos apraz aqui registá-lo. A peça está construída com um certo equilíbrio, o diálogo é temente e, conquanto a rábula e o empolamento das trases queiram ainda apontar aqui ou acolá — a verdade é que todos os seus actos estão muito longe de «As três camaradas». Sem dúvida, «Vizinhos do res-do-chão» era um original mais... original e feliz pela intenção. Dir-se-ia, mesmo, que os autores, na «obrezza envergonhada» se esqueceram, por vezes, da razão do tuíto, para escrever uma sátirinha de orgulho e preconceito. Ainda assim, quanto vale esta peça pelo recorte das figuras, pela observação dos costumes e pela justeza do méio que nos pinta! Podem as acções nem sempre revestir-se de uma lógica aisoluta — e não somos nós que vamos censurar os autores pelas pinceladas de caricatura que às vezes nos — mas de pé toda a peça, todos os problemas logo no início, sem fazer perder o interesse pelo desenrolar do conflito; o segundo acto, cheio de reminiscências, esvai-se na falta de lógica; o terceiro é demasiado simples de efabulação. O interesse decrece fulminantemente pela falta de acção, vivendo apenas das falas.

* Na interpretação, Maria Matos, sem favor, foi uma grande actriz. Ali não houve exageros — nem para mais, nem para menos... Raras vezes uma actriz nossa representa com tanta inteligência, com tanto aproveitamento de pequenos nada. Em geral, os nossos artistas jogam com a emoção. Maria Matos — mesmo noutras peças em que nos tem desagradado — joga com a inteligência. Porque a vemos, agora, representar na medida do seu grande talento — não lhe regateamos aplausos; Maria Helena foi simples e humana — embora a preferíssemos, por vezes, menos entusiasta; Erico, sem grande papel, talvez um nadinha convencional — seria por causa da cabeleira? — contribuiu para o bom ritmo da representação; Alvaro Benamor esteve bem — principalmente no 3.º acto — embora no 2.º desperdiçasse algumas oportunidades, como na cena em que ouve a confissão do pai; Carlos Baptista, um artista cheio de fantasia e inteligência, compôs mais um belo tipo cómico, cheio de pormenores — até na «composição» das pernas de cavaleiro — embora não lhe perdoemos o que nos pareceu um despropósito de cabeleira; Fernando de Sousa, certa naquela constrangida viscondessa; Filomena Lima como o papel pediu mas como nós não gostámos que exagerasse; Rafael Alves e Vital dos Santos representaram ambos com muita propriedade, contribuindo, ainda, para a variedade do programa; Humilda de Macedo, Maria Schütz, Maria de Almeida, Maria Benard, Hortense Rizzo e Aurora Celeste — todas com o melhor empenho de valorizar o espectáculo.

* A peça, bem marcada — uma excepção para as cenas finais do 2.º acto — bem marcada por Maria Matos e as cenas bem arranjadas por Erico. Os cenários de Serra e Amâncio, Hernâni e Pinto de Campos, com certas preocupações de fazer cada vez melhor. O 2.º acto é uma agualeira graciosa — o fundo talvez demasiado convencional — e o 1.º e 3.º actos com a sombria tonalidade requirida documentalista — muito bem, Maria Matos — embora as cabeleiras não ajudassem a criar ambiente.

O público de estreia — muito frio-rento. Quando teremos um aquecimentozinho? Com ele, até a «corrente» aquecia — como desejamos que aqueça, porque que dignidade com que o espectáculo foi criado assim o require.

ESPECTADOR

O Grupo dos Amigos do Teatro passa a chamar-se Círculo de Cultura Teatral

COMO nasceu esta ideia de criar um núcleo que fosse capaz de criar ou alimentar o bom gosto pelo teatro?

Em primeiro lugar, naturalmente, a ideia nasceu da própria existência desse mau gosto. Mau gosto que partia do público, aplaudindo e dando preferência ao que havia de mais baixo, de mais apalhadado, de menos educativo, de mais falso e inestético nos palcos portugueses; mau gosto que partia dos artistas, condescendendo com o público e com as empresas; mau gosto dessas empresas que, falhas de um bom sentido orientador, pensando que o caminho mais fácil não era o do declive, ofereciam ao público o pior da sua utilidade artística.

A crítica raras vezes assistiu con-formada a essa corrida para o abismo (muitas vezes, até, as empresas se sentiram lesadas e protestaram contra a opinião da crítica) mas, a verdade é que nem sempre os críticos estiveram à altura de criar uma nova corrente orientadora de métodos e de arte.

Que se passava, entretanto, nas camadas intelectuais?

Muitos desses que sabiam de teatro confrangiam-se, criticavam, sentiam que era preciso fazer alguma coisa. Simplemente, essas vozes ficavam abafadas e nem sequer correspondiam a um projecto, porque esse pequeno mundo dissimulado por

entre algumas quatro paredes desta cidade, não chegavam a exprimir a base de um programa.

Vida Mundial Ilustrada sabia-o e sentia-o. A independência com que esta página é feita, a presença dos factos e a realidade de uma corrente nova a aproveitar — tudo isso era de molde a tentar a bela realização de criar uma «escola» que não fosse uma academia — um núcleo que fosse capaz de criar raízes e prestígio. Do «Theatre de Poche», à maneira da Rússia e da França, partiu-se para o Grupo dos Amigos do Teatro. Dentro, porém, de uma ideia que abrangera um programa mais vasto, o núcleo passou a chamar-se Círculo de Cultura Teatral. E porque uma escola de bom gosto constituirá o Círculo de Cultura Teatral que conta, desde já, com a assistência de Eduardo Scarlatti, Gino Savioti, Jorge de Faria, Vasco de Mendonça Alves, António Vitorino, Alves Redol, o empreendimento a que Vida Mundial Ilustrada tem dado todo o seu incentivo, comportará um curso de dramaturgia que será regido por algumas das mais reconhecidas autoridades do nosso teatro.

A elaboração dos estatutos permanece em estudo — e compreende-se que ainda hoje não lhe possamos dar publicidade, dado o interregno das férias.

Brevemente, porém, publicaremos em minúcia a marcha dos trabalhos.

RAIMU EM PARIS

O grande Raimu continua a ser um nome de cartaz. E, enquanto Paris lamenta que os seus autores nada de novo e digno de registo tenham produzido, Raimu ressurge em «Le malade imaginaire», de Molière, no Theatre Français. Houve quem julgasse que o homem que fizera «César» não seria capaz de representar Molière. Mas a crítica que duvidava foi esclarecida devidamente, definitivamente, pelo desempenho de Raimu.

Raimu triunfou, Molière igualmente e, com ambos — Jean Meyer, o «mettre-en-scènes» de «Malade imaginaire».



O prestígio do Teatro de Lisboa nas províncias...

BEM sabemos que a Província nem sempre oferece comodidade — ou um mínimo de conforto — aos artistas que se deslocam por aí fora em tournées. Falando, certa vez, com um casal de ilustres artistas, puderam mesmo dizer-nos:

— Por aí fora, há hotéis e pensões de tal ordem que as criadas descompõem os artistas, se pedem todos os dias água quente para se lavar. E não se confunda «lavar» com tomar banho, porque em muitas dessas vilas provincianas nem sequer há pensões com um quarto de banho decente. Além disso, as camas em comodidade e higiene deixam tanto a desejar que o serviço de mesa, por muito mau que seja, não tem razão de ser criticado...

Por aqui se avalla do sacrifício que os artistas fazem para percorrer uma dúzia de terras, onde apresentam um repertório que não tem «cabidela» em Lisboa ou Porto. Todavia, muitos dos nossos maiores artistas — desde Chabi a Alves da Cunha e Maria Matos — não desdenharam nunca do público da província, a quem levaram muita vez uma rêssea de arte, uma verdadeira mensagem de cultura. Por sua vez, o público da província recebeu-os sempre como

grandes artistas que foram e são. Mas, é lógico perguntar: todas as companhias que se deslocam de Lisboa terão direito a consideração do público das províncias? Como mostra, aqui deixamos este bocadinho de prosa, recortado do «Renascimentos», de Mangualde, em correspondência de Viseu:

«Teve duas grandes «casas» a Companhia do «Avenida», de Lisboa, que nos deu «Zé do Telhado» e «Pora dos Eixos». Agradou, mas agradaria mais se os artistas tivessem — sempre, e não só de vez em quando — a noção da sua responsabilidade e do respeito que devem ao público.

Isto vem a propósito da péssima sem-cerimónia com que alguns deles riem mais no palco que o público na plateia. No quadro do «caso» que nunca se zanga, até deu vontade de ir ao palco fazer «côcegas» para vermos se o quilsilento «casal» ria mais um bocadinho...

O eco não merece comentários. Fazemos apenas um voto: que os artistas de Lisboa que vão às províncias se compenentrem no respeito que devem a esse público — que muitas vezes é tão culto ou até mais culto do que este que por cá fica... Mesmo, porque críticos — não os há só em Lisboa...



Diga o que pensa! A cerca de Maria Lalande...

VAMOS iniciar uma pequena série de pequenos inquéritos, a respeito de um pequeno número de grandes artistas. E nada mais justo do que por à cabeça deste inquérito-relâmpago, o nome dessa insinuante artista que só não é recente revelação, porque sempre o público e a crítica acreditaram na sua arte: é Maria Lalande quem abre o inquérito e é um experimentado homem de teatro — o dr. Gino Savioti — quem dá a sua opinião.

— O que pensa de Maria Lalande?

Eis a resposta: — Maria Lalande é um daqueles excepcionais temperamentos histriónicos, destes que surgem de quando em quando, com características suas, diferentes das de todos os outros. Não se trata de vontade ou de cultura, mas de natureza intuitiva.

Estas características, julgadas segundo as regras — ou melhor: as convenções — podem até ser defeitos — e algumas o são realmente. Mas, nestes casos, isto é quando existe um «temperamento cénico», os defeitos são qualidades, pois que a soma deles constitui a personalidade do actor ou da actriz. Temos de aceitá-la «sem bisco», caso contrário ela destruí-se em lugar de se aperfeiçoar. Ou, então, temos de rejeitá-la por completo.

«O único aperfeiçoamento possível pode dar-se, de cada vez, nos pormenores, por obra de um ensaiador que saiba com delicadeza ajudar o artista a dar vida à sua visão espontânea, quão inconsciente, da personagem, para enertá-la perfeitamente na atmosfera geral da obra; coisa que o actor, por si só, nem sempre consegue fazer. Aqui, pois, intervêm outros elementos intelectuais, e o temperamento não chega, antes pode ser até prejudicial.

Você sabe?...

- * Que foram suspensos os ensaios da Companhia Brunilde Júdice-Alves da Costa, organizada para ir em «tournées» pela província?
- * Que o escritor António Vitorino dirige, actualmente, um grupo de amadores, antigos alunos do saudoso professor Araújo Perreira, destinado a criar um novo interesse teatral entre nós?
- * Que não se confirma a retirada do original de Olga Alves Guerra, recentemente aprovado por uma Comissão de Leitura, para ser representado?
- * Que, depois de Janeiro, os nossos quadros de artistas vão sofrer grandes modificações?



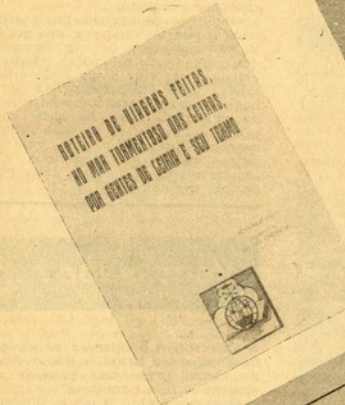
NOVIDADES LITERÁRIAS



«ISTO FOI ESCRITO PARA VÓS, MINHAS SENHORAS»
por Mariac Dimbla... 15\$00



«INTERVALO»
(Poemas)
por Álvaro de Abreu. 15\$00



ROTEIRO DE VIAGENS FEITAS, NO MAR TORMENTOSO DAS LETRAS, POR GENTES DE LEIRIA E SEU TERMO

pela Dr.^a D. Adelaide Félix, ilustrações do Dr. Leonel Cardoso.. 10\$00



«RESUMO DE GEOGRAFIA GERAL, PARA ESCOLAS COMERCIAIS E 1.º CICLO DOS LICEUS, compilação de J. G. Filipe, prefaciada e revista pelo Dr. João Pedro da Rocha Caixito. 9\$00



EDIÇÕES DE
ROMERO, L.^{DA}

RUA DO ALECRIM, 46—LISBOA—TEL. 2 9681



JOAL



TELEFONE 44033

JOAL

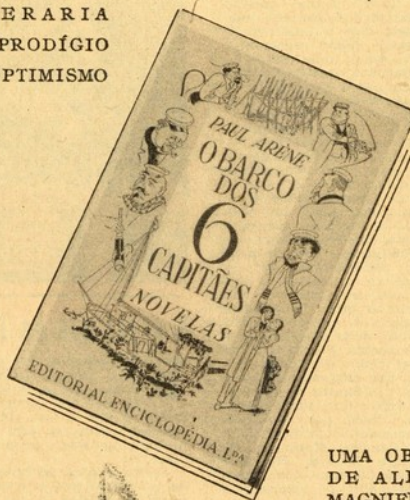
A casa que leva o bom gosto ao vosso lar

AV. ALMIRANTE REIS, 233-B-AO ARIEIRO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE NOS SEUS SALÕES

VIDA MUNDIAL

UMA NOVIDADE LITERARIA UM PRODÍGIO DE OPTIMISMO



UMA OBRA SA, DE ALEGRIA MAGNIFICA, DO PRÍNCIPE DOS NOVELISTAS FRANCÊSES

PAUL ARÈNE
UMA EDIÇÃO DA
EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, L.^{DA}

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

O Carnide Clube tem nova Direcção

Uma entrevista com o Vice-presidente Manuel Gonçalves

PORTUNAMENTE, aqui focámos uma «crime moral» que avassalou o Carnide Clube. As nossas palavras tiveram então a virtude de concitar um movimento de entusiasmo em Carnide e de levar as gentes desportivas do populoso bairro a pensar que, de facto, a melhor terapêutica era cerrar fileiras. O tempo passou e os ânimos aquietaram-se. Surgiu, então, a Assembleia Geral do clube, para a eleição dos corpos gerentes. E deuse-o que a maioria julgava indispensável para reanimar o Carnide: o regresso ao elenco directivo de Manuel Gonçalves, um nome que por si só era garantia de novos rumos e novos horizontes para a colectividade.

Manuel Gonçalves, cinco anos presidente do Carnide e um ano vice-presidente, deixou a sua passagem assinalada por iniciativas notáveis, criou uma «escola», e não só desportiva como socialmente, fez do Carnide uma grande agremiação.

Não surpreende, pois, que o seu prestígio lhe quisésse uma direcção. Fundador do Parque Infantil, uma obra que muito justamente tem sido cantada em todos os tons, Manuel Gonçalves ao ser procurado por nós, começou por nos dizer:

—Vamos trabalhar em profundidade com os miúdos desde os dois anos. Solicitaremos a visita das entidades oficiais, a fim de chamarmos

a sua atenção para o nosso Parque e respectiva escola.

—Quanto ao «basket»... —A desorientação passou. Fernando Amaral voltou a treinar as equipas, e o resultado de haver novamente ordem e disciplina, aliadas a todas as boas vontades, já está dando os seus frutos. A classificação das nossas turmas tem melhorado e espero que até ao fim do campeonato sejam ainda muito mais agradáveis. E, depois:

—Tencionamos pedir autorização à Associação de Basket para organizar torneios de categorias inferiores, com o objectivo de preparar os nossos futuros jogadores e manter em actividade os que já o são. A supressão da quarta categoria, salvo o devido respeito pelas entidades oficiais, não trouxe qualquer vantagem. Temos muitos jogadores que se aborrecem de ter que se deslocar para não jogar. Outros, estão em inactividade. De forma que os torneios que projectamos têm todas as vantagens e mais esta: interessam os sócios e a população do Carnide pelo «basket». O meu amigo bem sabe: em Carnide faz-se escola e fe-cunda...

—Constou-nos que o clube vai dedicar-se ao «volley-ball»...

—É certo. Convidamos, num prazo de tempo relativamente curto, a apresentar as nossas equipas.



—E outros projectos?

—Devagar. O melhor ainda é aguardar. Da maneira como a população de Carnide e os nossos associados corresponderem às iniciativas que pensamos pôr em prática, dependerá a nossa acção...

—Numa transição:

—Eu já não moro em Carnide. A minha vida particular absorve-me grande parte do tempo. Mas apesar disso, confio nos meus amigos de Carnide. A direcção do Clube, composta por alguns membros da cessante, entre eles Amaral, e por alguns «velhos», como o Gualdino e o Villar, deseja que se tenha confiança nela.

Despedimo-nos de Manuel Gonçalves, como fecho da entrevista, nos diz:

—Em Maio próximo comemoraremos o 4.º aniversário da fundação do Parque Infantil. E queremos fazê-lo condignamente.

Quando fala do Parque Infantil, a expressão de Manuel Gonçalves ganha uma luz de felicidade...

DESPORTO

O Clube bairrista de um bairro popular

ALcantara... Santo Amaro... Dois bairros divididos ontem por ideologias desportivas. Hoje, um bairro único, palpitando sob a mesma bandeira, comunicando no mesmo sentir atlético... Uma agremiação nasceu há dois anos, estuante de setos, pitórica de vontade, congado energias que andavam dispersas, num esforço generoso, sublime, mas inglorio. Nasceu em dia feliz, marcando a letras de fogo o «querer» e a inteligente compreensão de uma dúzia de homens que, abalando-se, contra a estúpida, indifferença e derrotismo de outra dúzia, levaram de vencida os «heróicos» descrentes.

No Atlético de Portugal se cravam os olhos atentos dos desportistas nacionais. E que o próprio nome pressupunha maiores responsabilidades, que um «União» ou um «Caracavelinhos», muito simpáticos, mas também muito bairristas, enfermando do defeito — que só até certa altura foi virtude — de servirem um âmbito limitado e consequentemente sem possibilidades de mais larga projecção...

Sentia-se que a nova colectividade desportava para a vida, precisamente num período de profunda evolução da orgânica desportiva portuguesa. E, efectivamente, o Atlético, alçado em corações decididos, em ombros fortes e animado por um sincero ideal de produzir obra útil, trouxe sangue irrequieto, trouxe cambiantes novos à família desportiva. Era mais um membro poderoso com o qual havia que contar. Na comunidade do desporto passou a ser tida como necessária, útil e vantajosa a sua presença, uma vez que se apresentava com garbo e linha, pertença apenas daqueles que sabem o que querem e o que valem!...

Não vemos, portanto, motivos para que os quatro mil sócios, só pelo facto do clube ter sido tocado pela adversidade numa competição, descreiam um instante das suas virtudes e dos seus riquíssimos recursos de recuperação.

A deserção ou o afastamento num momento de menos felicidade, a renúncia à luta, precisamente quando mais necessária ela é, significa «cobardia», palavra e sentimento que a essência do desporto repudia. O mau tempo passará. As ondas, por mais atempadas que sejam, não desfazer-se contra as rochas erguidas pela persistência e convicção dos fortes!...

...E fortes são todos os que há dias, num Boletim, pôsto a circular no lado ocidental da cidade, ergueram um grito que é simultaneamente uma profissão de fé: o Atlético não morre!...

Quem pensará tal? Por um mau princípio de temporada no futebol? Mas se afinal o futebol, como qualquer outra modalidade, é apenas o pretexto, o incidente, para se falar na obra genérica que aos convicidos importa: o Desporto na sua bela e pura expressão!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Portugal-Espanha à vista Trinta e um convidados à turma nacional

ESTÃO assentes definitivamente os encontros Portugal-Espanha em futebol, para os meses de Março e Maio, a 13 e 6, respectivamente, em Lisboa e Corunha, se o novo Estádio desta cidade estiver concluído a tempo.

Em Espanha, o seleccionador nacional é novamente o jornalista Eduardo Teus, que já iniciou os seus trabalhos convocando uma vintena de jogadores possíveis.

Entre nós, volta ao Comité de Selecção, que tem as suas vantagens e desvantagens. Pelo mesmo a responsabilidade é repartida por três...

Os jogadores convocados para preparação especial e prestação de provas de conjunto, são os seguintes:

Gaspar Pinto, Francisco Ferreira, Teixeira, Júlio Rogério, do Benfica. Azevedo, Cardoso, Manuel Marques e Peyroteo, do Sporting.

Feliciano, Serafim, Quaresma, Armando e Rafael, do Belenenses.

Gregório e Micael, do Atlético Clube de Portugal.

Estoril Praia.

Montez e Cardoso Pereira, do Vitória de Setúbal.

Grazina e Moreira, do Olhanense.

Gulhar, Araújo, Lourenço e Catalino, do F. C. P.

Lemos, da Académica de Coimbra.

Franklin, João Palma e Camilo, por ora, individuais.

Temos, portanto, 31 nomes. Dentre eles sairá a turma nacional. Ainda é cedo para se fazerem previsões, demais que o campeonato nacional é uma prova dura e durante ela os jogadores estão expostos a acidentes, ou simplesmente a oscilarem na sua «forma».

Certamente que o Comité de Selecção não olvidará a circunstância de defrontarmos adversários cuja característica fundamental é a fúria, e procurará tanto quanto possível agrupar onze rapazes aguerridos, voluntariosos — que os temos, de facto — libertando-os dos esquemas rígidos, espantilhados do chamado jogo de marcação, que pode ter os seus encantos e corresponder à tática moderna, mas que é a negação absoluta do temperamento do jogador português.

Para tal contribuirá, por certo, a presença como treinador de Augusto Silva, o «leão» de Amsterdam, que sabe bem como é que se jogava futebol em Portugal, na célebre época de 1928, a mais gloriosa de todas no historial futebolístico do país.

... Partamos, pois, dêste princípio! ...

NORMALMENTE, fazemos uma apreciação ao trabalho dos árbitros de futebol, ou de qualquer outra modalidade, quando para isso tenhamos ensino. E, de resto, norma que roça pela casa dos quinze anos. Temos como «lado muitas arbitragens de nacionais e estrangeiros, dentro do país e lá fora».

Enfim, vivemos nestas condições há uns poucos de anos, e lamentamos não ter elaborado uma estatística sobre as críticas dos arbitragens que detexmos gravadas no papel. Evidentemente que dos nossos pontos de vista muitos divergiram. Nem todos podemos ler pela mesma cartilha, nem ter opinião idêntica.

Como, porém, pomes sempre o nosso pensamento com clareza e franqueza, como nunca voltamos a cara seja a quem for e tomamos conscientemente as responsabilidades que contraímos, nunca tivemos um árbitro, nem nenhum juiz de campo andou a jogar às escondidas conosco...

Compreendev-se sempre e em todos os tempos que um crítico, como o seu próprio nome indica, tem por missão apreciar ou julgar um acontecimento de arte, de ciência, das letras ou do desporto.

Todavia, parece que a compreensão relativa à função do crítico se vai obliterando. Pelo menos é o que deduzimos da atitude recente de um árbitro de um desafio de futebol, logo no dia da abertura do campeonato nacional. Não gostou dum opinião nossa e vai daí comunicou o facto ao organismo que superintende no seu trabalho. O tom dessa comunicação, que pretende ser sério, acaba por ser jocoso, mas chega no entanto para nos elucidar não só do pouco espírito do árbitro em causa — ou espírito de fancaria... — como também do que ele, intimamente, pretendia!...

Também nos está a parecer que o melhor e mais sensato é mandar calar os críticos, pessoas insuportáveis, que só se tornam simpáticos quando dizem bem ou fazem qualquer entrevista e enchem quísi uma coluna com o panegírico da celebridade em foco. De contrário, é «preciso tomar providências» e forçar os

DAQUI E DALI

Não está marcado ainda o campo onde se realizará o prélio Portugal-Espanha.

Tudo indica, entretanto, que seja o Estádio Nacional, há seis meses inaugurado! * * *

O comportamento do Olhanense no Campeonato Nacional de futebol está despertando as atenções gerais. E as atenuações do seu médio-centro parece terem resolvido um problema importante do «senze» de Portugal!...

comentadores a engolir o que lhes apeteceira dizer...

Deve ser uma grande coisa sentir as costas quentes... não é verdade?

Nós, entretanto, continuaremos a escrever e a falar com a naturalidade habitual; gostaríamos, entretanto, de saber se o conspicuo árbitro é de opinião que a crítica não se deve exercer livremente. A crítica séria e imparcial, claro.

Talvez nós passemos, de futuro, a ignorar, não a existência dos árbitros de futebol e muito menos do organismo que os dirige, mas do diltro que tanto se afilgiu com a nossa opinião.

Partamos, pois, do princípio que o seu nome não consta do registo civil!...



A selecção de «hand-ball» de Madrid, que veio jogar com a de Lisboa, após a sua chegada à estação do Rossio

Cadeia de complicações no limiar do Ano Novo

PASSOU-SE de um ano para outro sem que fôsse possível obter decisão para qualquer dos grandes problemas pendentes — tanto para os de natureza política como para os de natureza militar.

As três grandes zonas de batalha — frente ocidental, frente leste e frente do Pacífico — continuam profundamente activas, com um sentido de manobra que não oferece dúvida nem contestação, mesmo quando surge algum momento, verdadeiramente episódico, de um ataque em sentido contrário. De outra forma não pode, manifestamente, comentar-se o arranço das divisões alemãs sobre a Bélgica e o Luxemburgo, que foi simultaneamente um aviso e uma lição: aviso de que o poder militar alemão resiste até às últimas consequências; lição de que a frente precisa de ser mantida com uma densidade que a ponha ao abrigo de surpresas. A batalha, cuja iniciativa esteve, durante dez dias, nas mãos dos alemães, voltou ao seu sinal do costume, com o admirável arrôjo dos homens de Patton, mas a investida que levou Rundstedt, por um instante, até às proximidades da famosa linha do Mosa, assim como o episódio de Arnheim, constituíram compreensíveis razões de atraso na hora da decisão a ocidente.

A leste, as batalhas do Danúbio e do Báltico batem o ponto rubro. Budapeste é o caminho de Viena, como Viena, pela lição da história, é a chave da Europa Central, com o domínio próximo da Boémia, a respeito da qual Bismarck tinha opiniões que não foram ainda desmentidas. O Báltico volta a fazer-nos falar de Memel e Dantzig, velhos nomes quasi esquecidos nos grandes acontecimentos que foram o prefácio desta guerra.

Nos confins do Pacífico, não é possível esquecer as constantes declarações dos responsáveis japoneses: «a situação é cada vez mais grave». Entretanto, se é certo que os americanos, saltando de ilha em ilha, se aproximam já da metrópole nipônica, não pode deixar de recordar-se também que, sobre o continente asiático, tem sido difícil arrancar aos japoneses a iniciativa do combate.

No plano político, entretanto, os grandes problemas continuam para resolver, quando os não vemos súbitamente agravados. Cada uma destas simples etiquetas, sem mais nada, dá-nos a imagem de uma série de preocupações graves: questão polaca, questão grega. A primetra arrasta-se perigosamente, como lição para outras que poderão ainda suscitar-se; a segunda evolue em termos a que é difícil prever uma saída, depois do pé de irredutibilidade em que as facções se situaram. Os esforços do Primeiro Ministro britânico, com a sua decisão de presença, revelaram-se lamentavelmente improficuos. O rei Jorge, Papadéreous, a Elas, a Edes são pontos agudos desse mapa de perigosas intransigências que a respeitável velhice do Patriarca Damaskinos pretende harmonisar. Mas não se vê saída para o bico — a não ser a de um compromisso que, ao menos de momento, afaste o receio de preocupações maiores.

J. R. S.

BRASIL

O filho do Presidente

Sabem quem é este moço garboso que se mostra bem disposto? Chama-se Lutero — Lutero Vargas — e é filho do Presidente dos Estados Unidos do Brasil. O dr. Lutero Vargas, que é médico da aviação brasileira, tem a patente de tenente, encontra-se agora na frente italiana e conversa, neste momento, com o major Ovidio Beraldo, à esquerda da foto.



GRÉCIA

TRINTA E TRÊS ANOS DE HISTÓRIA

A escolha do cardeal Damaskinos para regente da Grécia — até que ponto poderemos estabelecer paralelos com a figura inapta do cardeal-rei português? — não pôde, ainda, levar aos gregos a melhor fórmula para o seu apaziguamento. A guerra civil continua — os precedentes do princípio do século mantêm-se. E, para melhor dizer: a guerra civil de hoje é apenas a continuação das convulsões que sacudiram o país, logo no princípio do século. Senão, vejamos:

1912: no dia seguinte à vitória sobre a Turquia e, depois, contra a Bulgária, que deu Salónica e uma parte da Macedónia aos gregos, o rei Jorge I era assassinado. Seu filho Constantino sucedia-lhe no trono, mas as causas do assassinato — a 18 de Março de 1913 — persistiam.

1916: em Setembro, durante a Grande Guerra, Constantino, que tinha todas as tendências germanófilas, era deposto no mês de Setembro, pelo movimento triunfante de Venizelos, e que acabou pela intervenção inglesa em Atenas. Alexandre, filho mais novo de Constantino, subiu ao trono.

1920: pelo tratado de Sèvres, depois de ter tomado parte na guerra, ao lado dos Aliados, a Grécia adquiriu a Trácia Oriental, com Andriopola e as costas da Ásia Menor, com Smirna. Entretanto, a luta continuava: Kemal Ataturk, recusando-se a aceitar a derrota, voltava às armas e expulsava o exército grego da Ásia. O rei Alexandre, porém, tinha morrido. E, com a sua morte, voltava ao trono seu pai e rei deposto Constantino. Era isto em 19 de Agosto de 1920. O desastre na Ásia Menor e o Tratado de Lausana — em 1923 — que devolvia à Turquia os territórios conquistados de novo levaram Constantino à abdicção. E foi então que Jorge II, seu filho, subiu ao trono.

1924: fazem-se eleições, porque o descontentamento e a confusão mantêm-se. A 25 de Março de 1924, é implantada a República e Jorge II toma o caminho do exílio, enquanto Coundouriotis é eleito presidente do regime nascente.

1925: Não é ainda, porém, a hora de calma que soa. E, então, a 25 de Setembro de 1925, o general Pangelos, por um golpe de Estado, apodera-se do governo, implanta a ditadura que o movimento de 7 de Novembro de 1926 há-de liquidar. Então, Coundouriotis volta ao governo da República que, a seguir, é presidida por Zaimis.

1928: a 19 de Abril de 1928, Venizelos regressa à condução da política, como presidente do Conselho — mas, durante as eleições, o povo grego manifesta-se contrário à sua política e, então, Venizelos volta a afastar-se.

1935: quando, a 1 de Março, Condylis sobe ao poder, a revolução estala de novo. E Creta e é a Trácia que se revoltam — sob o comando de Venizelos. Mas Venizelos e o seu partido são vencidos e o país, cansado, chama Jorge II que só voltará, depois de um plebiscito consagrar o seu regresso. Foi a 25 de Novembro. Porém, pouco depois, o povo voltava a insurgir-se: a ditadura de Metaxas, sob a protecção do rei, desagradava-lhe.

1940: Mussolini — em Setembro — invade a Grécia, mas o exército grego, unido, cerrado, heróico, afasta o invasor. Os gregos cobrem-se de glória; os soldados de Musso-

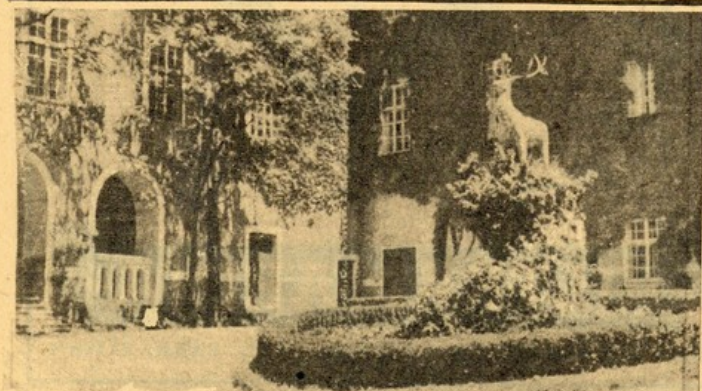
lini batem em retirada. Então, os alemães resolvem intervir: Albânia e Valona estão sob a ameaça grega. E, em Abril de 1941, os alemães esmagam mas não vencem o heroísmo grego. Vêm depois três anos de martirio ainda desconhecido do mundo. Liberta em Outubro de 1944, a Grécia mantém-se em pé de guerra — mas uma guerra fratricida que diz respeito a gregos, e que só os gregos poderão resolver.

A política da Hungria mantém as linhas gerais de há meses: estagnação por um lado, confusão pelo outro. O lindo país de belas tradições romanescas, sacudido nos alicerces da sua velha cultura, assolado pela guerra, em todas as direcções cortado pela metralha, não é só, militarmente, um país convulso a aspirar à paz. É, também, um emaranhado político, qualquer coisa de muito delicado, com um máximo de acuidade, porquanto a sua solução não está nos factores internos, mas na marcha dos acontecimentos externos. A partir do momento em que o Regente Horthy, bem rendido à evidência dos factos, pediu um armistício que redundaria na sua viagem inesperada para a Alemanha — da confusão havia de brotar a voz de um movimento representativo da autoridade constitucional. Desse movimento, havia de sobressair a figura do coronel-general Miklós que, há pouco, assumiu as funções de chefe do novo Governo Provisório, constituído em Debrecen, a cidade onde presentemente está reunida a assembleia



BÉLGICA

De que se trata? Acaso estas mulheres choram a morte de algum ente querido, a perda da independência da pátria ou a revolta contra a opressão? Nada, não, estas mulheres choram de alegria. São belgas e no seu dramatismo, na expressão patética do seu choro, querem apenas dizer que estão comovidas, porque assistem ao desfile dos soldados belgas. Foi assim que a população da Bélgica recebeu os batalhões nacionais que combatem nos exércitos aliados.



Os jornais donde retrámos os elementos para este apanhado de informações, dão-nos esta nova interrogação: será aqui, neste palácio bávaro, que se encontra o Regente, com sua esposa e neto?



O Regente Horthy — onde se encontrará agora? Esta interrogação contém o sentido de quantas pesam hoje sobre a Hungria.

A política húngara nesta nova fase da guerra

Até Agosto último, o general Miklós exerceu funções de chefe da Casa Militar de Horthy, sendo, no momento em que o Regente pediu o armistício, chefe do 1.º exército húngaro.

De momento — à medida que os alemães, com os exércitos seus satélites recuam, a política de Miklós mostra-se particularmente activa. Os telegramas das agências telegráficas assinalam, todos os dias, novas adesões e esboça-se um movimento de intensa expectativa à sua roda.

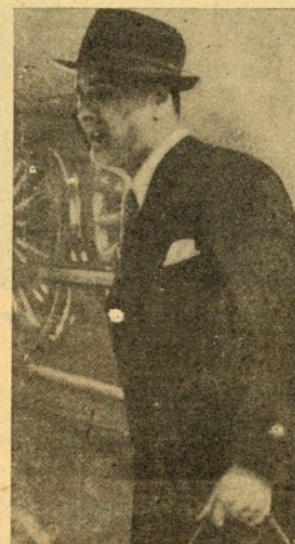
Nesta série de fotos, damos o Regente, alguns dos seus parentes mais próximos, e, ainda, o local que se admite servir, presentemente, de residência ao almirante Horthy — o homem que, durante um quarto de século governou a Hungria, defendendo-se da Rússia sem deixar de estar perto da Inglaterra. Irá agora a Inglaterra, com a chegada da paz, lembrar-se dessa tendência anglófila?

Os ares andam tão turvados que dificilmente se podem dar palpites. Entretanto, por muito que a Hungria tenha ainda que sofrer, uma certeza lhe há-de ficar: não haverá dores maiores do que as presentes, com a retirada dos ocupantes vergastada por um desejo de vindicta. O que a Hungria sofreu, o que a Hungria sofre, ultrapassa a capacidade de sofrimento humano.

Até quando? Como se desanuvirá o céu tormentoso, para que a terra regresses ao simbolismo dos seus mansos rebanhos, falando a linguagem puríssima da paz?



O coronel-general Miklós, chefe do novo governo provisório húngaro, constituído logo após a viagem de Horthy, é um devotado defensor dos direitos do Regente.



O Regente não foi só torturado na sua condição de político e patriota. Além da morte de seu filho mais velho — escolhido para o suceder — Horthy interroga-se sobre o destino do filho mais novo, Nicolau: será vivo, será morto?



A condessa Helena Gyulay-Edelsheim, viúva do filho primogénito de Horthy — morto na frente Leste. Ao lado, o netinho do Regente, o pequeno Estêvão. Ambos voluntariamente acompanham Horthy no exílio.



A senhora Horthy quis acompanhar seu marido na viagem à Alemanha. Dizem que ela era extremamente amada no seu povo, por seus dotes de coração.

*Móveis
Decorações*

VM

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR



PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

**ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L.^{DA}**

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 2 8551

VM



EVITARIA
PREOCUPAÇÕES
E DESPESAS SE
A SUA CRIADA
ESTIVESSE
SEGURA NA



ULTRAMARINA

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9

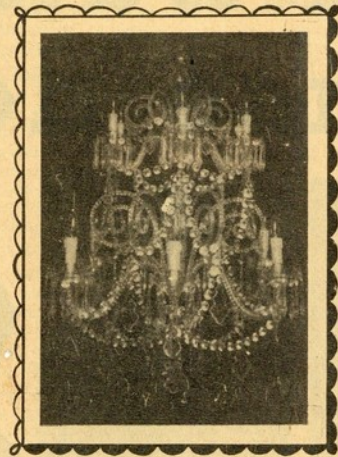


MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643

*** LUSTRES ***



APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-
-JOURS * CANDELABRÓS * CANDIEL-
ROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

VM



A arquitectura não é uma técnica, mas essencialmente uma arte, diz-nos o arquitecto-artista MARIO DE OLIVEIRA

DOCUMENTÁRIO

Há 56 anos inaugurou-se a ponte internacional de Barca de Alva

UM dia — e já se passou um bom par de anos — apareceu no Liceu José Falcão, em Coimbra, um rapazito vivo, brincalhão e prometedor. Não era o «bicho» estranho chegado de qualquer escola primária da vila ou da aldeia que os estudos atravavam para longe dos carinhos da vó ou do papá. Nada disto. Era menino de outra categoria e que já conhecia todos os filmes de aventuras em muitos episódios e que se apaixonava pela sorte do herói ou pelo castigo do pirata...

Chamava-se Mário e pouco mais se sabia dele. Nas primeiras aulas, o Mário portou-se bem. Atenção às lições, tirava apontamentos e cumpria fidelemente os seus deveres escolares. Mas este comportamento foi só de pouca duração. Este menino trazia dentro de si um temperamento irrequieto onde já se adivinhava o futuro artista. Aquelas aulas complicadas, para a sua meninice, traduzia-as ele num papel e lápis a fazer bonecos. E foi numa aula, precisamente, que surgiu a primeira caricatura. O professor estava ali interinho, sem nada lhe faltar. O lápis de Mário tinha arrancado a primeira grande manifestação do seu belo temperamento artístico.

Os condiscípulos viram a coisa. O boneco andou de mão em mão e só lhe faltava explicar a lição... O resto era aquilo mesmo. Desde então, tudo se perdeu para Mário, no capítulo de boas lições, apontamentos e estudo aturado. Os bonecos passaram a ser a preocupação de todos os momentos. Na carteira, nos livros, em qualquer superfície que desse para tanto, o Mário deixava sempre o seu rasto artístico. Tinha, de facto, surgido um artista. Ao princípio caricaturas de professores, condiscípulos e de muitos doutores que abundam em Coimbra. Depois, bonecos da rua, gente humilde de trabalho e desgraças acontecidas nas vielas. De tudo o Mário fixou com o seu lápis firme e traço pessoal que lhe deu uma acentuada personalidade artística. A popularidade não se fez esperar, e numa exposição então realizada, Mário de Oliveira afirmou o seu talento artístico e conquistou um belo triunfo.

Não o seduziu, porém, a carta de bacharel. Aquêlles meninos dos outros tempos trazia consigo outro sonho, e mal se apanhou com o liceu foi para as Belas Artes seguir um destino que trazia do berço.

Coimbra nunca mais o viu... até que um dia regressou, com o seu curso, mais bonecos e um mundo legítimo de aspirações. Também se não demorou na cidade do Mondego, e depois de recordar a meninice, os primeiros bonecos e os primeiros triunfos, toma o comboio, passa por Madrid e fixa-se em Lisboa, onde actualmente exerce a profissão. Hoje, Mário de Oliveira é um artista no uso pleno de todas as suas facultades criadoras. A Espanha é a sua grande paixão. Ainda em Setembro esteve em Santander como bolseiro do Instituto Espanhol, e sem licença do artista vamos revelar que pintou lá formosíssimas aquarelas que aguardam uma decisão do seu autor para as mostrar ao público. Porém, a galeria de desenhos de motivos de Espanha do arquitecto Mário de Oliveira é rica de expressão artística e sentido humano. Em Toledo fixou mendigos com destinos trágicos, nas Astúrias viu mineiros com fortes traços de drama e de verdade. Em Sevilha desenhou grades floridas e raias de Espanha que parecem ter toda a alegria do mundo num sorriso castiço. Em Madrid, em vielas escuras e mórbitas, o seu lápis, rico de intenções, desenhou grupos de cegos cantando

qualquer canção andaluza saída das entranhas do Bairro de Triana.

Todos estes tipos, que caracterizam um povo e uma índole, encontraram em Mário de Oliveira um artista de grande e penetrante observação psicológica.

Encontrámo-lo há dias atarefado no val-verm lisboeta.

— Então, Mário, que é feito? — Preparo-me para partir novamente para Madrid. Mais uma viagem de estudo até Espanha. É um grande país de motivos artísticos.

Mário de Oliveira é, sem dúvida, um espírito peninsular coberto por este céu lusitano. Procuramos ouvi-lo. Arquitecto, apaixonado pela sua profissão, falámos-lhe da arquitectura em Portugal. Aquilo ia-lhe direito ao coração.

— Sobre o ensino da arquitectura — diz-nos Mário de Oliveira — acho que é muito mal dirigido entre nós, pois não tem o ambiente necessário, para a boa formação dum arquitecto, que necessita mais do que em outra profissão de uma enorme cultura geral e um elevado sentido estético. A preparação dum aluno de arquitectura é insuficiente, e sobretudo está dirigida em caminhos errados.

«Não compreendo que sendo a arquitectura essencialmente uma Arte queiram, à força, fazer dela uma

coisa puramente técnica, e daí nasce esta «standardização» actual. Falta, além disso, nas Escolas de Belas Artes, aquêlles convívio necessário entre os alunos que as frequentam. Vivem ali em regime de colegiais internos e isto atrofia a preparação.

— E o ensino da arquitectura em Espanha? — Indagamos nós. — Em Espanha as coisas passam-se duma forma diferente. Ali o arquitecto é essencialmente um artista, um verdadeiro esteta e, além disso, com uma grande cultura — o que, infelizmente, falta entre nós. Mas não admira. A Espanha é, dentro das Artes, um grande país, e quem teve um Greco na Pintura, um Berruguete em Escultura e um Herrera em Arquitectura, tem forçosamente de ser um país bem dirigido nas questões de esteticismo.

E continuando: — Em Espanha os lugares de maior responsabilidade nas construções e urbanismo, cabem ao arquitecto. Em Portugal é o contrário: trata-se ainda o arquitecto como motivo secundário quando, na realidade, devia ser primário. O arquitecto tem de encarar sempre um problema de arquitectura relacionado com a psicologia e com a sociologia. Porém, este aspecto anda afastado de nós.

(Continua na pág. 16)



Um pitoresco apontamento de Mário de Oliveira

8 de Dezembro de 1888. Fêz agora 56 anos que se inaugurou a linha dos Caminhos de Ferro do Pôrto a Salamanca,

arrojada empresa que tantos amargos de boca deu aos banqueiros portugueses e ao Governo português de há meio século. A obra, por arrojada, foi dispendiosíssima. A Espanha jogou de parte. A linha do Pôrto a Salamanca não lhe interessava grandemente, e foi preciso para que ela se construísse que os banqueiros do Pôrto organizassem um Sindicato, e levantassem um empréstimo de 4.500 contos no Comptoir d'Écompte, dívida que nunca pagaram, e que o Governo teve de chamar a si. Como o leitor sabe, sobre o rio Águeda há a ponte internacional. Era justo que fôsse paga, metade por Portugal, metade por Espanha; mas a Espanha recusou-se, e quem a construiu foi o Governo português. Ora foi a meio desta ponte que, há 56 anos, os dois combóios, o que partiu do Pôrto e o que veio de Salamanca, deram o «beij» simbólico da inauguração. Os combóios chegaram à ponte às onze e meia da manhã. Música, foguetes, bandeiras. Depois avançaram cautelosamente até ao meio e, por entre aclamações ruidosas, os cabecotes das duas máquinas tocaram-se, e as duas composições, agora ligadas, vieram até Barca de Alva, onde foi servido, aos convidados, um opíparo almoço de 100 talheres, depois do qual os dois combóios, agora o espanhol à frente, tomaram rumo a Salamanca.

O que talvez muitos leitores não saibam é que este troço de linha, de Barca de Alva à estação fronteira de Frejeneda, é das mais abundantes em obras de arte. Basta citar os seus túneis e viaductos: *del Muelle* (225 metros); outro a seguir de 40 metros, com o viaducto de *las Almas* (132 metros); o túnel *del Gazarro* (69 metros); o de *los Riscos* (192 metros); outro viaducto de 70 metros; o túnel de *la Parrera* (321 metros); mais outro viaducto, o de *los Pollos*, de 134 metros; o túnel de *la Barca* (38 metros); o do *Lugar* (110 metros); mais outro viaducto deste nome com 139 metros; o túnel de *Llanos* (148 metros); o *Cegadilla* (94 metros); mais três de 57, 52 e 40 metros; o de *Payo Valiente* (349 metros); o de *las Bellezas* (35 metros); e, ainda, o viaducto *del Morgado*, com 104 metros, e o túnel do mesmo nome, de 409 metros, com um pequenito túnel, logo a seguir, de 30 metros. Uff! Em tão pouco espaço não há na Península outra linha que se lhe vantagem. Dois quilómetros adiante vem finalmente o grande túnel de *la Carretera*, o último e o maior: 1560 metros. Túnel trágico. Na sua perfuração perderam a vida, em 15 de Junho de 1885, vinte e nove operários, apunhados, de surpresa, por uma inundação.

De Frejeneda para lá, a paisagem modifica-se e o viajante passa, da aridez do Águeda para campos de cultivo, graciosos e ubérrimos.

Deu-se este «beij» fraterno das duas máquinas, há 56 anos. Parece que foi ontem...

JOÃO PAULO FREIRE



ESTAS DORES
QUE IMOBILIZAM...

São rapidamente alivia-
das com fricções de

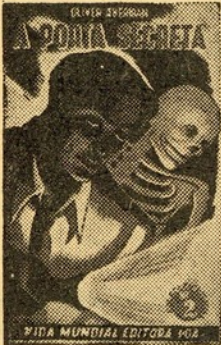
BAUME BENGUÉ

O analgésico de todos os
reumatismos e dores

Experimente, e nunca mais deixará de ter à mão este precioso remédio

Cada hisnaga — Esc. 15\$00 — em qualquer Farmácia

BAUME BENGUÉ
O INIMIGO DAS DORES



AOS ADMIRADORES E ENTU-
SIASITAS DA LITERATURA
POLICIAL:

UMA GRANDE NOVIDADE

ACABA DE SAIR

**A PORTA
SECRETA**

SENSACIONAL ROMANCE POLICIAL
DE OLIVER SHERIDAN

- O mistério mais denso
- A intriga mais espantosa
- Os episódios mais emocionantes
- O desfecho mais imprevisito

Este é o segundo volume da colecção Policial
de «Vida Mundial Edifora»

Um volume magnificamente apresentado de cerca de
200 páginas Esc. 8\$00

1.º volume da mesma colecção:

A ESFERA MISTERIOSA

DE MAX FELTON Esc. 8\$00

À venda em todas as livrarias — Pedidos directos:

VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{da} - R. DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA

A propósito de um concurso

(Continuação da pág. 4)

Não pretendemos com estas pa-
lavras negar as possibilidades do
concurso, até porque a «Cidade e
as Serras» é um velho projecto do
Cinema nacional, e aqueles que já
estudaram as possibilidades da sua
adaptação ao cinema terão a sua
missão facilitada, dada a escassez
do prazo fixado. Pretendemos, sim,
sublinhar a transcendência da tarefa
proposta, que parece estar em con-
tradição com a ideia geral do con-
curso, nomeadamente nos aspectos
que focámos.

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**

por RAFAEL MARÇAL
À venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
VIDA MUNDIAL

Maria Eduarda

(Continuação da pág. 3)

rtuais portugueses. E, porque se
orgulha da sua origem, não perde
ensajo de estreitar os laços de soli-
diedade e fraternidade luso-brasi-
leira... Sem dúvida, tudo caminhará
muito mais rápido e dentro dos de-
sejos de todos, se não fosse a guerra
que levanta entraves de comunica-
ção. Mas V. está a ver como será
curta a distância que nos separa,
logo que as preocupações da guerra
acabem?

— Acha, então, que a rádiodi-
fusão...
— É o caminho ideal para o entre-
lamenteo fraterno dos intelectuais
dos dois países. Até o problema do
livro há-de encontrar na Rádio o
seu melhor agente de divulgação
que será, ao mesmo tempo, a se-
leccionadora dos valores literários.

— Mas para isso...
— Ah! sim, para isso, os progra-
mas, aqui e lá, terão de ser orga-
nizados por pessoas que mereçam a
verdadeira atenção do público. Por-
que, sobre isso, não tenha dúvidas,
a rádio há-de tornar-se o filtro da
literatura, indicando ao povo desor-
teado, asfixiado numa produção
em que a quantidade supera a qua-
lidade, os escritores e os autores
dignos da sua preferência.

Se Maria Eduarda quisesse, podia
dar-nos as mais recentes e palpitan-
tes notícias da bela pátria brasileira.
Podia dizer-nos que nem a guerra
pode impedir a marcha das alavan-
cas abrindo monumentais avenidas,
como essa que se chamará Getúlio
Vargas e parte da Praça Mauá; que
o Brasil é um extraordinário e co-
lossal laboratório de energias e de
progresso, onde tudo caminha,
onde as cidades, como os prédios e
os arruamentos surgem mágica-
mente... Mas Maria Eduarda tem
pressa, tem um mundo de coisas a
ponderar e não dispõe de tempo
porque, dentro de oito dias, deve re-
gressar ao Brasil. Então, voltará a
animar-se, sob o sol brasileiro, a
sua silhueta esgula. E quando o
inverno chegar lá — ela, de capa
negra de estudante a flutuar-lhe dos
ombros, lembrará sempre, onde quer
que esteja, a pátria, distante só pela
imensidade do mar. Porque Maria
Eduarda, menos escritora — ou talvez
não — do que intérprete, pôs a sua
cultura e a sua sensibilidade ao ser-
vício dos outros. E tem a sua tertúlia
de café, onde vão procurar-lhe os «va-
gabundos» das letras, aqueles timi-
dos valores que recebem a luz do
dia e ela revela depois na rádio, na
plenitude do seu talento.

— É a missão a que me votei:
amparar os desamparados, descobrir
os desconhecidos. E alguns já des-
cobri e que estou a revelar aos por-
tugueses, depois de os ter revelado
aos brasileiros. E, agora, cá ando à
procura de poetas para revelar aos
brasileiros, ao chegar...
— Como nos vê o Brasil?
— Acho que bastará dizer que o
português se sente brasileiro, no
Brasil... Vivo no Brasil há tantos
anos quantos tenho de idade, pois
fui para lá com alguns meses e foi
de lá que irradieti em viagens pelo
mundo... Constituí ali família, exercei
funções num Departamento brasi-
leiro. Já vê que o Brasil vê bem
Portugal: eu não sou uma excepção.
— Ainda assim, a Maria Eduarda
sempre uma casa aparte...
— Se o sou... veja os jornais do
Rio, que logo sabe...
Mas como nós não temos os jor-
nais brasileiros à mão, insistimos
com a locutora portuguesa da Rádio
Nacional — P. R. E. 8, magnifica-
mente instalada no último andar do
edifício de «Noite»:
— Só transmite o programa «Pá-
tria distante»?
— Em onda curta, sim. É uma
pena que a maioria dos radiouvintes
portugueses ignore esse programa
das 7,30...
— E que pensa da rádio portu-
guesa?
— Quere que lhe diga? Surpreen-
di-me de encontrar um «cast» tão
completo e tão brilhante. Que belas
cabeças para pensar e que belas
vozes para cantar! E de todos, quero
distinguir um: o dr. Francisco Mata,
que está a colaborar comigo nos
programas «Pátria distante». Tem
tanto de boa pessoa como de mo-
desto, culto e inteligente. Posso pô-
lo ao lado dos melhores nomes luso-
brasileiros.

— Um outro aspecto das relações
culturais através da rádio: não acha
que a diferença de pronúncia e gra-
fia pode prejudicar esse entendi-
mento?
— Não sei porquê. Veja como os
discos portugueses são bem recebi-
dos no Brasil e como Portugal acolhe
entusiasmado as canções brasileiras.
— Sabe que há um acórdio orto-
gráfico...
— O Brasil, pela voz dos seus el-
ementos responsáveis, no Governo,
nas Academias e na Imprensa mostra
resoluta vontade de uniformizar, de
vez, o idioma comum. Pode dizer-se
que estão mobilizados todos os filó-
logos e que o povo não passa, inte-
ressado, a febril discussão do magno
assunto...
...E mais não disse Maria Eduarda
— a gentilíssima portuguesa que
vemos na foto ao lado de sua filhi-
rha.

Mário de Oliveira

(Continuação da pág. 15)

«A função do arquitecto é a cria-
ção em relação ao meio ambiente e
como tal com características psicoló-
gicas profundas...»

— Acha que o desenvolvimento da
arquitectura entre nós pode ser de-
finitivo?

— Definitivo não será enquanto
em cada Câmara do país não existi-
r um arquitecto e enquanto os senho-
res camaristas não se convencerem
de que a arquitectura é para arqui-
tectos e não para curiosos. Veja, por
exemplo, a nossa Coimbra, que está
barbaramente assassinada, pois qual-
quer curioso faz um projecto que é
assinado por qualquer engenheiro
que recebe pela sua assinatura uns
tantos escudos...

A conversa prolongou-se, e fatal-
mente foi cair em Arte: perguntámos
a Mário de Oliveira o que pensava
do movimento artístico em Portugal,
e a sua resposta, sem vacillar, foi
esta:

— No nosso país tem-se, sobretudo,
evidenciado a Escultura, onde há
rapazes cheios de talento, tais como:
António Duarte, Martins Correia,
Fragoso e Euclides Vaz, e creio que
marcarão um lugar aparte dentro
desta modalidade artística. A pintura
é a que menos tem evoluído, e nas
últimas exposições nota-se sempre a
repetição dos assuntos. Entendo que
o artista deve criar e não copiar.
Toda a obra de Arte não é mais do
que uma emoção original e parece
que não existam entre nós essas inte-
rfeções, mas sim constantes cópias, sem
interesse e que só revelam habilida-
des. Creio, no entanto, que Lino
António, Joaquim Rebocho, Guilherme
Camarinhas, António da Costa e
Luciano são artistas que já conquista-
ram uma determinada personali-
dade e que podem ficar como exem-
plos desta geração. Dos consagrados,
Guilherme Filipe, Eduardo Viana e
Almada são nomes que já ficaram.

Mário de Oliveira despediu-se. E
aquele menino dos bonecos, nos tem-
pos do Liceu José Falção, em Coim-
bra, lá seguiu, novamente para
Madrid, em busca dum motivo, duma
emoção que satisfizesse o seu belo tem-
peramento artístico.



Yogurte Florina

FORTALECE, EMBELEZA A PELE
TONIFICA O ORGANISMO

Nas melhores pastelarias
e elegantes Casas de Chá

Disbaldor geral:

JOSÉ CARLOS JANEIRO

AVENIDA DUQUE D'AVILA, 38-C — TEL. 4 1684

**VIDA MUNDIAL é um jor-
nal que vale por muitos jornais**

MARQUES RIBEIRO

Um extraordinário pianista,
já escreveu 40 composições,
e nem sequer tem piano!

A tentação da capital — Bolseiro do Instituto de Alta Cultura — Primeiros concertos — Música gravada para Londres, Berlim e Roma — Opiniões de críticos — «O sonho dum tarde de verão»...

ABALOU do Pôrto, sózinho, jovem e esperançoso. A família viu-o partir, confiado, a tentar a celebridade. O Pôrto já o conhecia. Tocara em diversos concertos. O Conservatório dera-lhe a maior classificação. Além disso, Oscar da Silva, o grande improvisador, incitava-o a outros cometimentos — que Lisboa não pôe entraves ao triunfo.

Nem ao menos, na pequena bagagem, trazia uma carta de recomendação que é, quasi sempre, a certeza de que alguém nos espera de braços abertos — para logo se fecharem... Não; Marques Ribeiro vinha só, só com a sua vontade de vencer, com os vinte anos alvoroçados de mocidade e o ardor que lhe escaldava o peito, de impor o seu nome. Chegado à cidade ofereceu-se para tocar em concertos de beneficência. Fêz sucesso. Interessaram-se — e, numa carta para a família, alegre como a mensagem do triunfo, Marques Ribeiro anunciava a próxima Bólsa de Estudo que o Instituto de Alta Cultura lhe ia proporcionar. Foi um contentamento na roda dos seus amigos. Na Emissora Nacional, é e Jaime Silva praticaram no órgão de

cinema, que é o único que há em Portugal.

Nos salões de D. Elisa Pedrosa, diante de selecta assistência, fêz, também, improvisos que entusiasmaram, pelo poder de execução que possui, ao dominar o piano. A bólsa



Para viver é funcionário. Oito horas diárias à secretária, esquecido das «notas» — alinhando números sobre números.

barreira das dificuldades. E por aqui ficou. Depois, pior. Desempregado — um artista que necessita de viver, vai-se mantendo de algumas lições particulares. Os concertos são poucos — e quando aparecem são de caridade. Se soubesse tocar «swings»,

— Geralmente de improviso ao piano. Toco duas, três vezes — e depois raramente me escapa a composição. Só então a escrevo. Há, porém, produções destas que saem num momento de inspiração que ficam perdidas devido ao pouco contacto



A mais recente composição deste jovem pianista de 28 anos, que a crítica considerou dos maiores intérpretes de Chopin

foi concedida. Marques Ribeiro ia, enfim, estagiar ao estrangeiro, depois de ter terminado, irremediavelmente, os cursos superiores em Portugal. Mas a guerra veio levar-lhe a

«marchinhas», bateria pelos teatros com o «jazz-band» infernal. Mas não. Beethoven, Chopin, Mozart, em Lisboa, com raras excepções, toleram-se por snobismo.

E assim começou a luta daquele artista. Todos lhe diziam que tinha talento, davam-lhe palmadas de amizade — e pediam-lhe uma «colinha» para piano, lá para a filha, a Zizi, rapariga alegre que andava no Conservatório...

— Vi — começa por nos dizer Marques Ribeiro — que não poderia viver sem arranjar um emprégo que me garantisse, pelo menos, o pão para a boca...

— E conseguiu?

— Felizmente. Levou tempo, mas foi.

— Professor de ginástica ou cobrador dum Banco?

— Sim, também podia ser isso. Quando se tira um curso superior de piano deve-se logo aprender dactilografia e contas correntes. Eu frequentei, também, engenharia. Por isso...

— Empregou-se no balcão! Tobralcos, chitas, veludos...

Marques Ribeiro, a rir, atalha:

— Sou funcionário público. Trabalho as horas regulamentares dentro do horário burocrático, sem pensar em colchetas, nem fusas, que são parte da minha vida.

— E como estuda?

O simpático artista fica triste, quasi com o olhar magoado pelo pranto:

— Nem sei. Acredite: chego a passar como ainda tenho dedos para tocar. Não tenho piano...

Lembramo-nos agora que a crítica considerou este «virtuoso» do piano o maior intérprete de Chopin da moderna geração, e que os seus improvisos têm sido tocados pelas Emissoras de Londres, Berlim e Roma. Por isso volvemos:

— Quantas composições tem escrito?

— Perto de 40. Fantasias de concerto, valsas e marchas militares, uma das quais faz, parte do repertório da Banda dos Granadeiros da Rainha, em Inglaterra.

— Como trabalha?

que tenho com o piano.

Marques Ribeiro relembra, depois, alguns concertos que deu e que obtiveram êxito.

E, depois, com entusiasmo:

— Tenho 28 anos e uma vontade forte de vencer. A luta, o calor, o entusiasmo que sempre dediquei ao estudo há-de acompanhar-me. Presentemente, já escrevi 40 composições. No entanto...

— ...No entanto...

— Ainda não é o suficiente para impor o meu nome numa terra onde, acima do talento, vive o empenho. E não julgue que digo isto por pretensa vaidade — longe de mim arrogar títulos que não possuo. Foram os mais festejados críticos que o disseram.

— Porque não pensa escrever para o teatro?

— Impossível... Todavia, sinto que isso talvez fôsse melhorar a minha condição de vida... Mas não estou integrado dentro dos ritmos modernos. Todavia, há muito que ambiciono musicar uma opereta estilo Strauss ou Laher. Falta-me, talvez, a certeza dum compensação.

— E por que não encontrá-la?

O compositor olha-nos surpreendido. Dir-se-ia que, numa rápida visão, toda a dura paisagem da sua vida, se lhe gravou nos olhos. E os seus dedos esgulos, finos, correram céleres as teclas do piano. Estávamos na sala de emissões de Rádio Renascença. Não o quisemos despertar. Ele já não nos poderia dizer nada — a sua linguagem, agora, era aquela: teclas feridas de sonho, jorrando poesia. E a doce valsa surgiu, lenta, vaga, perfumada de pétalas como rosas esfolhadas, na agonia do Outono.

— Como se chama isso?

— É um sonho! «Uma tarde em Viena».

Parecia Strauss, êsse enamorado compositor, ardente e lírico, que no turbilhão das valsas fazia gerar paixões.

E, no entanto, era de Marques Ribeiro, um amargurado compositor, chelo de talento, que nem sequer tem piano — e que alinhava números para ganhar a vida.

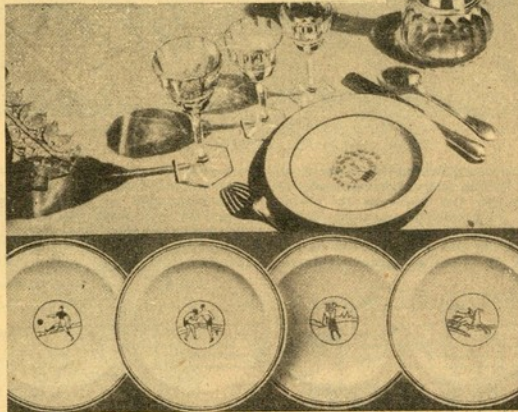


Marques Ribeiro, na Rádio Renascença, improvisa rapidamente sobre melodias que todos os ouvintes lhe queiram levar

FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - > 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - > 4 1189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - > 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SÉJA CLIENTE DESTA BOA CASA

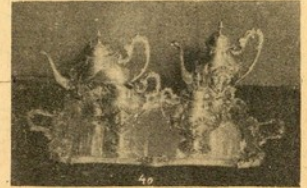
PHILIPS



Casa José Costa ~ Radio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 - Lisboa Tel. 2 4888



OURIVESARIA
DA
GUIA
FUNDADA EM 1875



O melhor e mais completo sortido

JOIAS * OURO * PRATA * RELÓGIOS

RUA MARTIM MONIZ, 2-10 = RUA DA MOURARIA, 7-11
LISBOA // TELEFONE 2 8336

CASA
REGIONAL



AS MAIS LINDAS COLEÇÕES DE FORDADOS
EM LINHO ORGANDI E TULE
RUA PAIYA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) - LISBOA - TEL. 25974

PEÇA NA SUA PAPE-
LARIAOS PRODUTOS
«HORS» TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRES E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.ª
FÁBRICAS: TRAV. DAS ÁGUAS VIVAS, 11
TEL. 2 494 8-9-0
RUA FÁBRICA DA POLYORA, 22-A
TEL. 2 494 8-9-0
LISBOA



Decore a sua casa
com economia e bom
gosto com lustres
e candieiros

C. MILLER

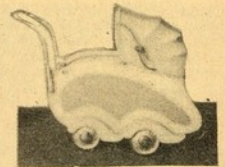
em vidro, metal,
louça, madeira, etc.

Fabricação de artigos
decorativos e bibelots
inspirados na arte italiana

À VENDA NAS
BOAS CASAS

**Fabricante
C. MILLER**

6, R. EDUARDO GOELHO, 8
LISBOA TELEF. 2 8313



CARRINHOS
E CADEIRAS
PARA CRIANÇAS



A PRONTO E COM FACIL-
DADES DE PAGAMENTO

J. COSTA & SILVA, L.ª

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.ª
LISBOA - TELEFONE 2 8713

PREGUNTE!

Donde vêm os cheiros?

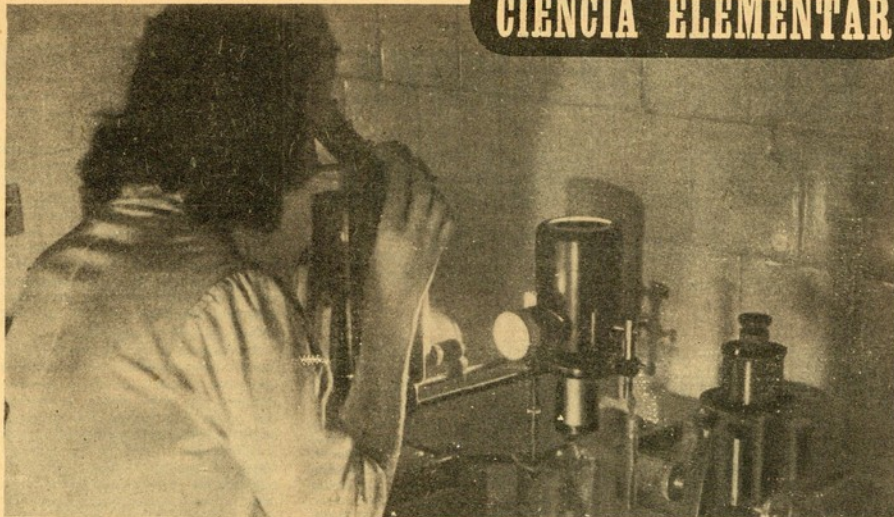
PARA haver cheiros é preciso haver células nervosas sensitivas—os órgãos olfactivos—reagindo às substâncias odoríferas. No homem, os órgãos olfactivos estão situados nas fossas nasais. As substâncias odoríferas só provocam sensação de cheiro quando previamente dissolvem na umidade que reveste a parede interior do nariz.

Os causadores ou agentes das sensações de cheiro são em muitos casos de natureza desconhecida. Como sucede que uma flor faça sentir a sua presença a tantos metros de distância? E um corpo putrefacto? Que partículas emitem? E como?

A maioria dos cheiros tem o seu ponto de partida em seres microscópicos. O cheiro característico de um campo que acaba de ser lavrado é devido a inúmeras bactérias do solo. O odor de coisas em putrefacção, da maresia nas praias, dos estúbulos, da terra depois da chuva, é tudo de origem bacterial, produzido por seres invisíveis.

Os aromas mais subtis e delicados que conhecemos provêm da mesma fonte. O «bouquet» dos vinhos é causado por enxames de microorganismos que vivem no mosto. E é bem possível ser o aroma de um bom charuto consequência das bactérias existentes nas folhas de tabaco, na altura do amadurecimento.

(Resposta do leitor M. I. L. — Faro).



Estudo dos metais

Os avanços da técnica metalúrgica devem muito à ciência. O estudo científico dos metais, a observação atenta das suas propriedades, da elasticidade, resistência ao ar, às trações, etc., a combinação perfeita dos diversos metais para formar ligas, permitiram muitas das maravilhas actuais na aviação e na marinha. Na foto vê-se uma investigadora dum instituto italiano fazendo um estudo colorimétrico de certo metal.

Os avanços da técnica metalúrgica devem muito à ciência. O estudo científico dos metais, a observação atenta das suas propriedades, da elasticidade, resistência ao ar, às

OS GAMETAS Feitiçarias sem mistério
CÉLULAS CASAMENTEIRAS

OS animais e plantas inferiores não têm sexo: proliferam asexualmente dividindo-se em duas metades ou formando dentro de si pequenos grãos ou esporos que irão originar novos indivíduos. Mas a partir de certa altura da escala vegetal como da animal, aparece uma divisão em sexos. A divisão em sexos significa o aparecimento de células reprodutoras masculinas e femininas.

Estas células sexuais são os gametas, ou células casamenteiras. Geralmente, uns gametas são menores e activos (gametas masculinos ou espermatozoides), outros maiores e passivos (gametas femininos ou óvulos).

A união dos gametas, essencial para o aparecimento de novos seres, ou faz-se no interior ou realiza-se em completa liberdade: muitos invertebrados marinhos (o ouriço do mar, por exemplo), disseminam os óvulos e os espermatozoides no mar. Da união dos gametas resulta o zigoto. Um ser humano — o leitor, por exemplo — não é mais que um zigoto, tal como um cão, uma moça ou uma couve.

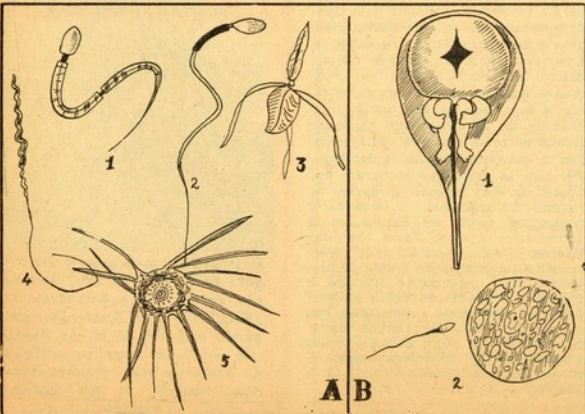
Os gametas femininos são quasi sempre grandes células. Na foto vemos (B, 2) um óvulo maduro de mulher. A gema dum ovo de galinha é o verdadeiro óvulo da galinha. E da gema apenas uma delgada camada é criadora, pois o resto resume-se a

reservas nutritivas para o futuro embrião.

Os gametas masculinos obedecem quasi todos a um plano fundamental: têm cauda ou aparelho vibrátil, com que nadam sem descanso até encontrar um óvulo, e possuem uma parte mais grossa onde existe o núcleo, chamada cabeça. Não pode ver-se na foto em que estão representados os gametas do torçoço (A, 1), do homem (A, 2), da lagosta (A, 3), do sapo (A, 4), e caranguejo (A, 5).

E nos gametas formados em órgãos especializados, que existe todo o segredo da hereditariedade. A fecundação, conjugando o gameta com o óvulo, reúne os caracteres do pai e da mãe e toda uma série de factores.

Não foi fácil chegar a concluir que era o óvulo fecundado, sofrendo transformações prodigiosas, a origem do ser. Imaginou-se em tempos que o ser já estava todo formado dentro do gameta masculino. Na foto (B, 1), vemos um espermatozoide tal como o observava Hartsocker, em 1894: ele quis ver no interior do gameta um imaginário homúnculo, sentado na cabeça do mesmo, e tendo na extremidade inferior uma espécie de corda que se converteria em cordão umbilical do embrião. Delempstius (1699), e outros, sustentaram esta fantasista teoria da pré-formação.



«Deixe-me ler a sua sina!» — já terá pedido ao leitor uma dessas muitas ciganas misteriosas. E o leitor estende a mão. Dominar o Destino por dez tostões, nada mais barato... A cigana olha para a face palmar e percorre, com os olhos, as linhas nela gravadas. A cigana conhece «quiromância», ou arte de ler o passado, o presente e o futuro nas linhas da mão. «Há uma mulher que lhe quer mal...» — começará a cigana. E o leitor escuta-a, meio incrédulo, meio receoso...

Que haverá nisto de verdade? Que haverá de verdade nestas e noutras práticas de feitiçaria?

Após dois séculos de «récord» científico, em que se pôs de parte tudo quanto não pudesse conduzir a resultados seguros, a ciência voltou-se para as chamadas «ciências ocultas», que são tão velhas como a própria humanidade. Os sábios psicólogos estudam a «quiromância», a «grafologia», a «fisiognomia» e a «astrologia», procurando nelas qualquer coisa.

E, de facto, uma soma de constatações lentamente reunidas obrigou a reconhecer que nestas velhas práticas há «qualquer coisa». «Qualquer coisa» que ainda não chegou ao estado de utilização científica, mas que ultrapassou o estado de magia e também o do mistério.

Claro está: estudar a palma da mão, sob o aspecto científico, é a morte da feitiçaria, e tarefa impossível a uma cigana. O psicólogo e a cigana têm apenas um único ponto de acôrdo: na mão há alguma coisa esclarecedora a respeito do indivíduo seu possuidor. A partir daqui começam as profundas diferenças.

Vê-se, pois, que no meio destas quimeras e absurdos, ficam sempre envolvidas algumas parcelas de experiência autêntica. Também a química começou por ser uma feitiçaria, a «alquímia», e a astronomia foi «astrologia»; mas as substâncias químicas e as combinações eram verdadeiras, tal como o eram os astros, as estrélas e os eclipses, independentemente das fantasias e mentiras dos magos e bruxas sobre o Destino.

A quiromância, arrancada às ciganas e feitiçarias, deu a jovem ciência chamada quirologia. Actualmente, a quirologia procura na mão e no seu desenvolvimento, na disposição, profundidade e forma das linhas palmares, etc., não a expressão do Destino individual, impossível de determinar, mas a expressão física de tendências e qualidades intelectuais. A mão é o retrato da alma. E a correlação entre a morfologia da mão e as actividades do «espírito» não é uma simples hipótese. A mão é directamente influenciada pelos dois grandes suportes do carácter: o sistema nervoso e o sistema endócrino (glândulas tiróides, hipófises, etc.).

A fisionomia também foi despida de atributos ocultos e reduzida a um capítulo da psicologia; do estudo das expressões do rosto tiram-se sinais característicos a respeito do modo como o indivíduo reage em face do mundo exterior. Deve dizer-se que o seu valor científico é ainda muito pequeno.

O mesmo já não sucede com a grafologia ou grafopsicologia (estudo da escrita) que possui um alto valor e conduz a resultados bastante fiéis. As linhas gravadas no papel nada dizem, porém, sobre o futuro ou as relações dos indivíduos, mas traduzem o carácter de quem escreve, as suas aptidões intelectuais. A escrita exprime, como qualquer outro gesto, totalmente ou em parte, certos laços da actividade mental, do carácter, da afectividade. Tem um valor equivalente aos gráficos dos electrocardiogramas ou dos gráficos indicativos do estado pulmonar e carece, também, para ser útil, de uma interpretação correcta e experimentada.

A escrita é, igualmente, um auxiliar do diagnóstico e da pedagogia. Os débeis mentais têm uma escrita lenta; a dos alcoólicos crónicos é tímida, hesitante; a esclerose em placas origina, por sua vez, uma escrita incoordenada e zigue-zagueante.

Quanto à astrologia, o esforço dos investigadores tem sido ainda diminuto. Uma coisa, no entanto, é certa: ninguém nasce com o Destino marcado por certos signos, nem sofre influências de certas estrélas. Isto são disparates que têm rendido muito dinheiro aos astrólogos. O que não está fora de discussão é a importância das radiações sobre os fenómenos biológicos e psicológicos. As radiações ultra-violetas, os raios X, os raios cósmicos, a radioactividade, as variações na força radiante provinda dos espaços inter-estrelares, das estrélas e dos astros, devem talvez influir nos fenómenos vitais, mas por forma que ainda não foi possível estabelecer.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

EM Janeiro de 1942 reuniram-se, devidamente autorizados, os representantes das igrejas católicas e protestantes para redigir, em Haia, uma representação comum a dirigir aos poderes constituídos. Este facto é único na história religiosa dos Países Baixos. Entregaram ao Secretário Geral do Ministério da Justiça um documento, concebido em termos correctos, no qual pediam que fossem reconhecidos os seus direitos e protestavam contra as prisões feitas arbitrariamente, contra as perseguições feitas aos judeus e contra o facto de as autoridades de ocupação pretenderem impor aos holandeses um conceito de vida contrário às suas tradições, aos seus hábitos e à sua formação moral e religiosa.

Esta colaboração das várias igrejas devia continuar durante todo o tempo da ocupação para a realização dos seus objectivos comuns. Em Abril de 1942 foram lidos, simultaneamente, nos templos católicos e protestantes documentos redigidos em termos idênticos, protestando contra a situação criada na Holanda e contrária aos exercícios dos direitos religiosos. A acção das autoridades de ocupação realizara uma coisa que, no decurso de muitos séculos, fóra considerada impossível: a união das igrejas holandesas.

Deve notar-se que, sobretudo depois da condenação comum feita pelas igrejas católicas e protestantes holandesas das doutrinas e concepções do nacional-socialismo, os chefes do partido nazi holandês começaram a preconizar, nos seus discursos, a prática das virtudes cristãs, reconhecendo assim, implicitamente, que era essa a única forma de não levantar contra si a totalidade da população do país. O chefe do nazismo holandês, Mussert, passou mesmo a adoptar uma fórmula no início de todos os seus discursos: «Com a confiança em Deus façamos tudo pela pátria».

Esta transformação não produziu, porém, os resultados desejados. A atitude da população não se modificou sensivelmente, e o nacional-socialismo holandês não viu aumentadas as suas fileiras, apesar da conversão dos seus chefes. Mas o procedimento destes revelou até que ponto eles se haviam apercebido de que era errado o caminho seguido pelas autoridades de ocupação.

A ATITUDE DAS UNIVERSIDADES

Não menos activas do que as igrejas na defesa das prerogativas nacionais, se mostraram as universidades holandesas. Professores e estudantes manifestaram-se, por todas as formas, contra as tentativas de nazificação do corpo docente universitário. A nomeação de professores per-

tinentes ao partido N. S. B. para cadeiras criadas especialmente, foi recebida com uma hostilidade significativa, tanto por parte dos antigos professores como por parte dos estudantes universitários. A demissão de professores judeus ou conhecidos pelos seus sentimentos anti-nazis também deu, frequentemente, lugar a manifestações ostensivas de desagrado de que foram teatro os edifícios universitários.

Em consequência dos incidentes, que não deixaram de se multiplicar durante todo o período lectivo, foram mandadas encerrar duas das mais célebres universidades da Holanda e da Europa, as Universidades de Delft e de Leyde. Em ambas se professavam cursos de engenharia de fama europeia. A Universidade de Delft foi mais tarde reaberta. A de Leyde não voltou a abrir as suas portas e, entretanto, as manifestações produziram-se noutros estabelecimentos de ensino superior, dando origem a sanções de um rigor crescente.

Os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Amsterdão tiveram de abandonar esta cidade e foram levados para Utrecht, onde tiveram de concluir os respectivos cursos. Os professores da Universidade de Amsterdão foram, na sua maioria, presos e não puderam continuar a dar as suas lições naquele estabelecimento de ensino.

Além das igrejas e das Universidades, as autoridades de ocupação serviram-se ainda de outros meios considerados eficazes para fazerem penetrar no espírito da população as doutrinas do nacional-socialismo. Um desses meios foi a organização em comum de toda a vida associativa local num sistema rígido de associações ou «frentes», como passaram a chamar-lhes. Estas «frentes» tornaram-se tão numerosas, que difícil é dar delas e da sua actividade uma ideia mesmo aproximada.

AS FRENTE DA AGRICULTURA E DO TRABALHO

Para os nacional-socialistas, o agricultor holandês agarrado com pertinência ao solo e sendo, ao mesmo tempo, o produtor de alguns dos principais géneros de alimentação pública, era objecto de um interesse especial. Sobretudo num tempo em que a produção, em grande escala, de géneros alimentícios constituía um factor decisivo para a condução da guerra, compreende-se que esse interesse tenha procurado aduzir-se por várias maneiras.

Para esse efeito, as autoridades de ocupação criaram na Holanda o «landstand», ou estado rural. Era uma organização que englobava, automaticamente, todos os holandeses que trabalhavam na agricultura

e na pesca. Depois de várias tentativas malogradas para fundir num organismo único, sob a autoridade do Estado, as várias associações agrícolas existentes no país, foi adoptada essa fórmula que não deu melhor resultado do que as anteriores.

Obrigados a associarem-se num sistema rígido, em cuja direcção não podiam exercer qualquer influência, os trabalhadores rurais e os pescadores holandeses desinteressaram-se sistematicamente da sua actividade. A frente das suas várias secções foram colocados indivíduos de nacionalidade alemã. Esta circunstância veio ainda contribuir para aumentar o desinteresse com que fóra recebida a fundação do «landstand».

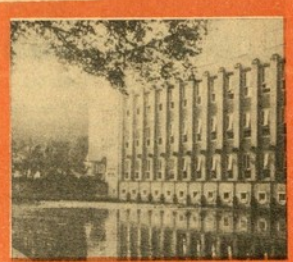
Submetidos a uma legislação excepcionalmente rigorosa, para tudo o que dizia respeito ao uso e aproveitamento das suas terras, à entrega dos gados e à venda das colheitas, os agricultores holandeses adoptaram sistematicamente uma atitude de resistência passiva, retendo clandestinamente os seus produtos e vendendo-os quasi exclusivamente no mercado negro. Era esse, no seu entender, o meio mais seguro de evitar que a produção agrícola holandesa fosse levada para a Alemanha e viesse a ser aproveitada no esforço de guerra deste país.

A FRENTE DO TRABALHO

Quando se deu a invasão, a legislação do trabalho e a organização dos vários elementos que nele cooperavam estava num estado de adiantamento que honrava os dotes de previsão dos homens de Estado daquele país. Eram excepcionalmente felizes os resultados obtidos com o regime de salários, férias pagas, seguros contra desemprego, doença e invalidez. O particularismo holandês, que foi em todos os tempos a grande alavanca do progresso da Holanda, fazia com que as reivindicações das classes trabalhadoras fossem defendidas, não por um organismo único, mas por uma multiplicidade de organismos identificados para a realização dum fim comum. Quando surgiam dificuldades, esses diversos organismos estabeleciam acordos para a realização dos objectivos que tinham em vista, mantendo, porém, as suas diferenças no plano político e no plano religioso. Fora dos problemas puramente profissionais, os operários católicos e protestantes, socialistas e monárquicos, conservavam as suas convicções e mantinham os seus ideais peculiares.

As autoridades de ocupação viram nesta dispersão um inconveniente para a sua acção e para os seus interesses. Além disso, a doutrina nacional-socialista não aceitava a existência de indivíduos e muito menos de associações que manifestassem qualquer divergência em relação aos princípios e aos conceitos decretados pelo Estado. Além disso, para a realização dos seus objectivos de guerra, essas autoridades exigiam uma concentração total de esforços, e portanto uma concentração do trabalho, incompatível com as tradições e com os hábitos dos holandeses. A esse respeito, não havia possibilidade de se estabelecer qualquer acordo entre as autoridades de ocupação e os trabalhadores holandeses. Por isso as primeiras acabaram por impor os seus métodos próprios ao regime de trabalho na Holanda e obrigaram todos os holandeses a submeter-se a elas. Essas fórmulas tiveram a sua expressão mais característica na criação da frente do trabalho, uma organização idêntica à frente do trabalho do Reich, universalmente conhecida como uma das criações próprias do regime nacional-socialista, e cujos métodos eram conhecidos dos holandeses, especialmente dos seus trabalhadores e dirigentes.

(Continua)



Esta estação de Caminhos de Ferro de Amsterdão, existirá ainda? Sobre Roterdão e Amsterdão, as bombas caíram impiedosamente e as inundações subiram até mergulhar no desespero os corpos e os espíritos.



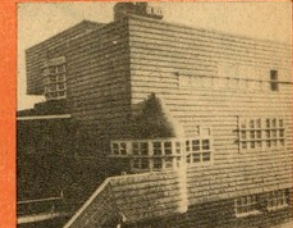
Os grandes depósitos de petróleo e de gasolina aguardavam nos portos o seu destino sobre as mares que a marinha de guerra e mercante cruzavam constantemente antes da guerra.



A Igreja colocou-se ao lado dos patriotas e manifestou-se sempre contra os ocupantes. Essa atitude valeu-lhe uma perseguição violenta. Na foto, vemos um templo de Amsterdão, segundo o projecto de J. Kropheller.



Porque professores e alunos comungavam da mesma ideia de revolta contra o ocupante, as escolas, como esta — um liceu de Amsterdão — foram encerradas pelas autoridades nazis.



O desporto ocupou sempre um lugar predominante na formação da juventude holandesa. O «Boat Club» de Amsterdão, segundo projecto de N. de Klerk, não era só um magnífico edifício, do ponto de vista arquitectónico mas, também do seu equipamento.





Outro modelo simples e prático. Este veste-o a conhecida estrela Dorothy Malone e é confeccionado com dois tons de lã.



Donna Reed apresenta às leitoras desta página um elegante casaco, gênero prático, em lã castanha muito escura.

A RECEITA DA SEMANA

Por pessoa: 1 ovo; 100 gramas de carne picada; sal, pimenta, pão ralado e gordura para fritar.

Deixar cozer durante dez minutos, numa fôrma bem untada, um ovo. Deixar esfriar, tirar da fôrma e cobrir com carne picada. Enrolar no pão ralado, frigar em gordura bem quente, até a carne estar convenientemente cozinhada.



Descrição do modo de executar este modelo, 6800. Para despesa de correto mais 1800. O pedido deve ser feito juntamente com a importação em selos, para «Página Feminina» de «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 68, 2.º.

Na última noite do Ano

PELA estrada comprida mas nem sempre fácil, caminha um homem. Os seus cabelos são longos e cor de neve. O rosto parece magro e sulcado por profundas rugas. Os olhos, duma cor indefinida, têm uma expressão de mágoa e de cansaço. Os lábios ressequidos, gretados pela febre, murmuram palavras que só ele entende. Caminha com passo incerto, corpo alquebrado, mas caminha sempre na ânsia de chegar ao fim. As costas traz enorme mochila. Parece ser ela a causadora de tanto cansaço e desespero. Em redor, o vento sibila forte, fazendo agitar doidamente os cabelos compridos e cor de neve do estranho caminhante. Nuvens grossas vão passando no céu. Contudo, lá para trás, na curva que a estrada desenhou, nuvens muito mais densas enegrecem o céu que era muito azul.

O caminhante nem olha para a tempestade que se pronuncia ainda, nem sequer parece recordar-se das nuvens densas que deixou para lá, na curva do caminho. O seu fim é um só: chegar a tempo e horas. De súbito, uma casinha surge à beira dum regato e o olhar cansado do homem parece rejuvenescer. É ali — pensa — é ali! Falta pouco!...

E na sua imaginação agora agitada, ele vai prevendo a sua entrada na casinha da estrada comprida, à beira do regato. Lá dentro, onde o vento não chega e a chuva não molha, deve estar quentinho. Ao entrar, tirará com jeito a mochila pesada e cumprimentará o menino risonho que o espera. Depois, entregar-lhe-á aquela mochila que lhe tornou tão difícil e tão desolador o seu caminho. E, de si para si, vai dizendo o que repetirá ao menino da casa do regato, quando chegar junto d'ele.

— Bemvindo sejas. Esta é a mochila das maldades dos homens. Está pesada, muito pesada. Não sei como tu, sendo tão pequenino, poderás com ela! Quando ma deram já não era muito leve mas, agora, nem tu sabes quanto ela pesa. Todavia, não esperanças. O mundo não pode sempre estar ardendo em ódio. Não foi para isso que outro menino, como tu, nasceu, lá para as bandas do Oriente, numas palhinhas dum estábulo; não foi para isso que esse mesmo menino se deixou martirizar e morrer numa cruz. Tem fé! Tem confiança! É possível que o caminho que vais seguir te custe muito a trilhar. Porém, és jovem e sabes ainda sorrir. Depois, tudo mudará, acredita! O sol há-de romper estas nuvens tão escuras que torna o caminho tão triste. Os homens poderão ver-se melhor, face a face e compreender como é desoladora esta luta de irmãos. O vento não agitará os teus cabelos. E a terra, coberta de flores, formará um tapete macio para que não magoes tanto os teus pés de caminhante. Bemvindo sejas, portanto, meu querido irmão pequenino. Todos os sonhos que não pude realizar, todas as esperanças que não cheguei a perder, eu deponho nas tuas mãos. Eu sou o Ano Velho, tu és o Ano Novo. Eu sou a Vida que morre. Tu és a Vida que nasce!...

MARIALIA

Respondendo às leitoras

MITUCHA — Recebi a sua cartinha. Obrigado por todas as referências. Como tenho estado doente, não sei ainda para tratar do seu caso. Ainda irá a tempo? Pode dizer-me num simples postal até quando devo enviar os figurinos?

LUCIANA FERRO — Os pedidos para a toalha de almôço só poderão começar a ser satisfeitos nos primeiros dias de Janeiro.

MARITZA — Acho natural o facto de desejar oferecer qualquer lembrança nesta altura, a um rapaz que namora há já dois anos. Porém, a escolha é que é o mais difícil, pois depende das suas posses e de muitas outras circunstâncias. Contudo, acho que um bom livro é sempre uma oferta interessante e útil. Sempre que deseje qualquer informação basta endereçar uma carta ou postal para a «Página Feminina» de «Vida Mundial Ilustrada», rua da Emenda, 68-2.º — Lisboa.

Algumas opiniões para as leitoras

— Certamente, o contador da luz ficou no corredor. É um mau processo dos nossos architectos — se é que é deles o defeito, vamos lá... — e que pode ser remediado, colocando uma caixa de madeira pintada em forma de armário e que muito bem encobrirá o contador e o respectivo quadro de mármore.

— Muitas vezes, nas casas pequenas, com cozinhas grandes, não há possibilidade de arranjar espaço para uma sala de jantar. Se a leitora, porém, tiver espírito inventivo e bom gosto, poderá mandar fazer um biombo em madeira, guarnecido de graciosos «desenhos», onde colocará «biblots». Com esse biombo encobrirá a chaminé por completo, podendo, assim, mobiliar com uma certa graça a sua sala de jantar do lado de cá do biombo.

— Um processo fácil de lavar rendas finas sem as estagar, consiste em enrolá-las, por exemplo, num vidro de candieiro e mergulhá-las depois numa bacia onde se tenha dissolvido sabão de «toilette». Deixam-se ficar assim durante algum tempo e vão-se substituindo as águas, até que estas saiam limpas. Deixam-se a secar ainda enroladas no mesmo vidro, de modo que, ao desenrolarem-se as rendas estão rijas e com um brilho de novas.



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

| Horas | Ondas | Ondas | Ondas | Ondas |
|-------|-------|-------|-------|-------|
| 19,30 | 30,9 | 19,5 | 23 | 39,6 |
| 19,45 | 23 | 39,6 | | |
| 21,45 | 23 | 39,6 | 49,6 | |
| às | | | | |
| 22,15 | | | | |

Ouçã o locutor JORGE ALVES às 19,30

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B. B. C.», todos os dias dos 18,45 às 19,00.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

Falam os técnicos que realizaram o filme "Inês de Castro"

(Continuação da pág. 5)

«Não é a luz crua, irritante que aquieta a forma, mas o toque de luz que desenha com uma carícia sábia o contorno preciso das figuras. Foi para mim um prazer colher na minha câmara estas luminosas paisagens para «Inês de Castro», e, todavia, um descanso para a minha imaginação pensar que posso volver a elas»

MÚSICA:

MUNOZ MOLLEDA

Autor e director musical das melhores películas espanholas, como «Goyescas» (prémio da Bienal de Veneza), «Boda no Inferno» (primeiro prémio do Sindicato Nacional), «Sarasate», «Café de Paris», etc. Em Lisboa ouvimos em 1941 seu «Concerto para piano e orquestra», pela Orquestra da Emissora Nacional, e as suas populares canções do filme «Carmen, a de Triana» tornaram-se bem depressa célebres na nossa cidade.

— Ao ser encarregado da partitura e direcção musical da película «Inês de Castro» propus-me, dado o interesse histórico e a força dramática e poética do seu assunto, realizar um poema musical seguindo fielmente as reacções dos personagens sem perder o sabor da época e da música portuguesa antiga.

«A minha actividade musical é o sinfonismo; porém, o cinema captou-me porque, creio, nos coloca em contacto com a grande massa do público. Havendo perdido a grande Ópera Teatral o seu público, é o cinema chamado a levar o verdadeiro drama musical a esse público. Depois, é nele que o compositor encontra ocasiões e facilidades para deixar correr a sua fantasia. O cinema, como as antigas catedrais, é uma arte colectiva onde a música tem um posto dos mais importantes. Permita-me nesta ocasião afirmar-lhe a minha admiração pelos compositores portugueses como Domingos Bomtempo, Lacerda, Rui Coelho, Frederico de Freitas e o jovem Lopes Graça, que com o seu «Concerto em sol para piano e orquestra» se apresenta como o mais interessante compositor da nova geração.»



MEDICINAL COUTO

PASTA

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves



UM GRANDE ÊXITO DE LIVRARIA
PÁGINAS DE AMOR
DOS MELHORES AUTORES PORTUGUESES

Vasco Lobeira - Socor Mariano - Garrett -
Feculano - Camilo - Gaça - Fialho - Malheiro
Dias - Afonso Lopes Vieira - Júlio Dantas
- Aquilino Ribeiro - Ferreira de Castro -
Magnus Bergström - Paço d'Arcos - José
Régio - Campõs Pereira - Vitorino Nemésio

NA EVOLUÇÃO MARAVILHOSA DO AMOR, DESDE
O SÉCULO XIII AO SÉCULO XX

Páginas inesquecíveis de paixão, sacrifício, ilusão, renúncia,
sonho e volupta!

SELECÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE
António Feio E Raúl Feio

UM GROSSO VOLUME DE EXCELENTE
APRESENTAÇÃO GRÁFICA 20 \$ 00

★ CAPA DE ALVARO DUARTE DE ALMEIDA ★

Romero, L^{da}
R. DO ALECRIM, 46
L I S B O A

EM PREPARAÇÃO:

Páginas de Amor dos melhores autores franceses
Páginas de Amor dos melhores autores brasileiros
Páginas de Amor dos melhores autores orientais



INVERNO...
REUMÁTICO...
PARALISIA DA VIDA!

Algumas fricções de
BAUME BENGUÉ

e a vida continuará
NÃO DEIXE QUE AS DORES
REUMÁTICAS LHE TOLHEM
OS MOVIMENTOS

Adquirã por Esc. 15\$00, em
qualquer Farmácia, uma bis-
naga deste bem conhecido

BAUME BENGUE
O ANALGÉSICO DAS DORES

CORRENTES «RENOLD»



A TRANSMISSÃO MAIS PRÁTICA
ECONOMIA DE ESPAÇO
ECONOMIA DE FORÇA

TRANSMISSÃO POSITIVA COM
CERCA DE 90% DE EFICIÊNCIA

FUNCIONAMENTO SUAVE
LONGA DURAÇÃO

HARKER, SUMNER & C., L^{DA}

14, LARGO DO CORPO SANTO, 18 — LISBOA
RUA JOSÉ FALCÃO, 156 — PORTO

POMPEIA



pó de arroz

O Pó de Arroz «POMPEIA», finíssimo, impalpável, etéreo, de subtil aroma, dir-se-ia o fluido das mais formosas flores, nimbando o seu rosto para, numa misteriosa metamorfose, o tornar mais lindo e mais belo, encantador, como as próprias flores.

Logo, como atributo de beleza, o Pó de Arroz «POMPEIA» é absolutamente indispensável a todas as senhoras.

O Pó de Arroz «POMPEIA», tendo a particularidade de se conservar no rosto todo o dia, resistindo impunemente a todas as intempéries, dar-lhe-á uma «patine» de beleza, confundindo-se com os seus dons naturais e realçando-os sobremaneira.

L.T. PIVER

Cabelos cheios de sol



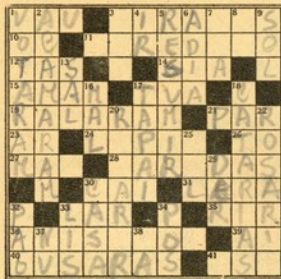
«Lavolan-huile», em cinco minutos apenas, transforma a sua cabeça. Os cabelos tornam-se brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco grammas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Pórtio. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. P. L. — Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º D. — Telefone 4 3582.



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 61

Por Augusto Teixeira Marques (Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Lugar no rio ou no mar, em que a água é tão baixa, que se pode transitar a pé. 3 — Vádias. 10 — Partícula que, no dialecto românico falado ao sul do Loire significava *sim*. 11 — Petulante. 12 — Tuas (pronome antiquado e popular). 14 — Fecha (as asas), para descer mais rapidamente. 15 — Desejam. 17 — Ave pernalta da África. 19 — Friccionaram contra o ralador. 21 — Duas pessoas que dançam juntas. 23 — O espaço sobre a terra. 24 — Substância escura, que se extrai das síbas e é muito aplicada em pintura. 26 — Porco. 27 — Medida linear, correspondente a meia vara ou dois palmos, usada em Goa. 28 — Quanta, que se aposta ou arrisca no jogo, por cada vez (pl.). 30 — Pendi. 31 — Recitara. 33 — Lugar, em que se acende o fogo, na cozinha. 35 — Escarnecer. 36 — Espécie de alambique empregado na fabricação de anís. 39 — Nêsse lugar. 40 — Empreenduras. 41 — Prefixo designativo de igualdade.

VERTICAIS: 1 — Dedicaram. 32 — Substância alimentícia, feita de farinha amassada e cozida. 2 — Dispuseram em camadas. 37 — Desfolhar. 13 — Substância, que resulta da combinação de um ácido com uma base química. 33 — Lírio. 16 — Obstáculo. 30 — Vivenda. 3 — Planta frutífera do Brasil. 20 — Retocar. 4 — Caminhar. 17 — Arrolhar. 38 — Contração de preposição e do artigo. 5 — Sintetizar. 34 — Polvilho (pl.). 6 — Abrevia. 25 — Arvore. 7 — Prefixo designativo de *através*. 29 — Entregar. 8 — Prefixo designativo de direcção, junção, fim, movimento, etc. 18 — Pesquisarias. 9 — Primeira corda do contra-baixo. 22 — Aparelho, para extrair água das minas.

NOTA — O autor dedica o problema de hoje, aos seus leais amigos e confrades: Albino Pais (Nelas), Orlando Augusto Lopes (Chamusca), José Rodrigues Correia (Viseu), Capitão Evaristo António Borges (Pórtio) e Domingos Carvalho Caixeiro (Lisboa).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 60

HORIZONTAIS: 1 — Fé. 2 — Fanal. 3 — Arola. 4 — Mona. 5 — Imo. 6 — Lá; asa. 7 — Prés. 8 — Aramais. 9 — Rosa.

VERTICAIS: 1 — Familiar. 2 — Aroma; ro. 3 — Nono; pás. 4 — Pala; arma. 5 — Ela; área. 6 — Ásia.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

PASSATEMPO

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE COMPOZISTAS DE «DAMAS»

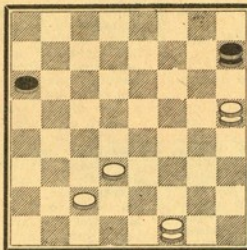
COMPOZIÇÃO N.º 29 (Problema)

«La Provincia», 4/1/945

Las Palmas — Espanha

Lema: «Luchana»

Pretas: 1 «dama» e 1 «pedra».



Branças: 2 «damas» e 2 «pedras». Mate em 7 jogadas.

Colocação das peças:

Branças: «Damas» em 2 e 17. «Pedras» em 7 e 11.

Pretas: «Dama» em 25. «Pedra» em 24.

CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATISTAS DE «DAMAS»

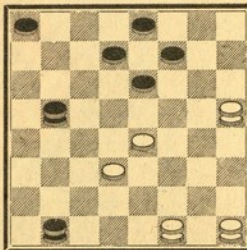
Classificação dos concorrentes até à composição n.º 13 (inclusivé):

Francisco Henriques, Francisco Almeida Santos e A. S. Fulgêncio (todos de Almeirim), 87 pontos cada. J. Nieto (Madrid), 83 pontos. J. Brú (Valência), 72 pontos. Carlos Pereira (Lisboa), 71 pontos. António Lopes (Ovar) e Ateimar (Lisboa), 64 pontos cada. Electino Gonzalez Alvarez (Lisboa), 36 pontos. Manuel Delgado (Sevilha), retirado.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 6

Por Adamastor M. Pereira da Costa (Pórtio)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DOS FINAIS DE JOGO DO CONCURSO PORTUGUES

Final de jogo n.º 14

| | |
|---|-----------------------------|
| 22-18; 2-9; 18-14; 9-18; 14-10; 17-21 g. | |
| 22-19; 2-9; 31-27; 9-31; 19-15; 31-18 15-12; 17-21; 12-8; 21-26; 32-28; 18-4 g. | |
| 31-28; 2-9; 22-10; 17-21; 25-18; 9-8 g. | |
| 31-27; 2-15; 22-18; 17-21 [27-22; 15-29; 18-3; 29-19 g. | 27-22; 15-29; 18-13; 21-26; |
| 13-9; 15-2; 27-23; 26-30; 23-19, 30-23 | |
| 32-28; 2-15; 22-18; 17-21 g. | |

Final de jogo n.º 15

1.º Hipótese

| | | | |
|-------|-------|-------|-------|
| 13-17 | 17-21 | 32-5 | 5-10 |
| 21-18 | 18-14 | 25-21 | 18-13 |
| | 10-17 | 17-30 | |
| | | | g. |
| | 22-19 | P. | |

2.º Hipótese

| | | | |
|-------|-------|-------|-------|
| 13-17 | 17-26 | 32-21 | 26-30 |
| 22-18 | 27-23 | 25-18 | 18-14 |
| | | 30-20 | |
| | | | g. |
| | | P. | |

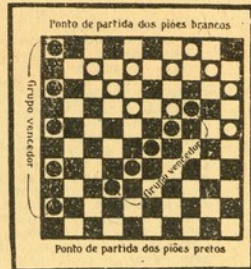
3.º Hipótese

| | | | | |
|-------|-------|-------|-------|----|
| 13-17 | 17-21 | 21-26 | 26-29 | g. |
| 21-18 | 18-13 | 13-9 | P. | |

UM JOGO DE «DAMAS» CHINES

Tem a vantagem de se poder utilizar um vulgar jogo de «damas»; e os peões manobram da mesma maneira. Mas reduz-se a isso a analogia; porque não se podem tomar prisioneiros ao adversário e não se vai à «dama».

Para se ganhar a partida é preciso conseguir colocar cinco peões em linha



recta, seja perpendicularmente à base da partida, seja diagonalmente. Toda a estratégia do jogo consiste então em impedir o adversário de deslocar os seus peões para conseguir alinhamentos vitoriosos, bloqueando-os, isto é, dispondo pelas case vizinhas peões que impedirão de caminhar o peão prisioneiro que era necessário para completar a série dos cinco peões alinhados.

VI CAMPEONATO DE LISBOA DE JOGO DE «DAMAS»

O nosso amigo Domingos Carvalho Caixeiro, orientador da Secção de Jogo de «Damas» do Sporting Clube de Portugal, oferece uma medalha de prata ao 1.º classificado do VI Campeonato de Lisboa de Jogo de «Damas». Este campeonato inicia-se em Janeiro de 1945.

CHARADAS

SINCOPIADAS

- 1 — Remir um erro é resgatar a consciência — 3-2
- 2 — O madraço depressa se entrega ao vício e à mentira. — 3-2
- 3 — Uma crítica malévolá não destrói uma boa reputação; antes a consolida. — 3-2.

PARAGÓRICAS

- 4 — O sábio que trabalha para a humanidade, vê a guerra com tristeza. — 2-3
- 5 — No Oceano, muitos têm encontrado o fim da sua jornada. — 1-2
- 6 — Contente fica o crente quando entra num tempo. — 2-3
- 7 — É um horror, a guerra com as suas destruições formidáveis. — 2-3

CORRESPONDÊNCIA

Fernando de Aragão (Lisboa) — O seu problema será o primeiro a ser publicado no Concurso. Aguardo mais trabalhos seus.

António Miguel (Lisboa) — Muito obrigado pelas suas amáveis palavras.

Manuel Lopes dos Santos (Tórris Novas) — Agradeço que me confirme por escrito a inscrição no campeonato.

Manuel Pinto da Silva (Pórtio) — É favor remeter-me a sua morada. Agradeço a sua boa vontade.

Jorge Pessoa Pereira (Lisboa) — Muito agradeço a sua atenção.

Oscar Pires de Carvalho (Lisboa) — O seu problema de xadrez está sendo analisado. Se estiver em condições será publicado. Pode enviar-nos mais trabalhos inéditos.

Albino Pais (Nelas) — Muito grato lhe estou pelas suas palavras. Outra coisa não era de esperar de um velho e leal amigo.

José Rodrigues Correia (Viseu) — Recebi tudo. É um grande amigo. Não sei como agradecer-lhe.

Jorge Granés (Lisboa) — Registei com agrado a sua inscrição. José Rodrigues Serra (Chamusca) — O mesmo que para Jorge Granés. Orlando Augusto Lopes (Chamusca) — Preciso falar-lhe.

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 100, 3.º — LISBOA

"Mister" U

Conto de Paul Morand

Ilustração de José Maria Peim ~ Adaptação de J. M.

PERDÃO, senhor, é aqui o n.º 489 da Quinta Avenida? — Não vê que é? Ou não sabe ler?

— Não sei. Parece impossível! E o Governo a bata-lhar contra o analfabetismo!

Eram três da madrugada. Mr. Doolittle, que acabava de sair do Clube Texas Gulman, tentava regressar a casa. Mas chovia a potes. Tentando furtar-se aos efeitos do último «cocktail», havia metido à Quinta Avenida, àquela hora deserta, quando um homem surgiu no seu caminho, a pedir-lhe que parasse. Mr. Doolittle parou o carro e esperou um segundo. Na sua frente estava um chinês esquelético, cheio de telas de aranha e ilusoriamente protegido da chuva por duas velhas estreiras armadas em agulha, com a ajuda de cordões negros. Da mão sem sentidos, pendia-lhe um galo branco. Era, à primeira vista, algum mísero agenciador de freguesas para casas de ópio... Mr. Doolittle lá pôr o carro em marcha mas o chinês supplicou:

— Perdão, senhor, tenho muita vergonha de o incomodar mas preciso de lhe pedir um favor. Chamo-me U. Não sou de Nova-York nem de 1940. Nasci em Kan-Sou, no século VIII. Mr. Doolittle estava tão borracho que, embora admirado, acreditou estar falando com um homem que tinha mais de mil anos:

— Então, é uma alma do outro mundo? Eu sou iriandês adoro os fantasmas. Em que posso servir-te?

— Trata-se do seguinte: — disse o espectro — Julgo ser do seu conhecimento que, na época dos Tang, os mortos eram enterrados com um certo número de figuritas de barro que, depois de ficarem debaixo da terra, adquiriam vida e punham-se ao serviço dos defuntos. Segundo o costume, a minha urna continha criados, dançarinas, guerreiros, dromedários ajazados, cavalos, javalis, enfim, um séquito brilhante, digno do que possuía em vida, pois fora académico e vice-rei honrarário de Kan-Sou. Estas figuras velavam o meu sonho e preparavam-me as refeições, mas a fatalidade quis que eu fosse vítima das belas figurinhas de mulher que me acompanhavam. Porque as mulheres belas são o demónio e por isso lá diz o ríffo chinês «uma mulher feita é o tesouro da família». Vai para dois meses, um comerciante de Nova-York que andava a procurar antiguidades no Kan-Sou, aproveitou-se da anarquia em que caiu a minha triste província e abriu o meu túmulo. A sua atenção fora chamada pela riqueza do mausoléu e pela profusão das inscrições, tudo, aliás, preparado por mim ainda em vida. Enfim, certa manhã, ouvi golpes por cima da minha cabeça, a luz do dia chegou até mim, e — terrível ignominia! — apareceu-me um homenzito moreno com polainas brancas, uma rosa ao peito e vestido de cinzento! Atrás dele, estava parada uma sege sem cavalos como o seu e onde não caberia nem mais um sacco de ouro. O homem, ao ligar o reino das trevas ao reino da luz, indemnizou o governador local e carregou com todas as figuras que viviam no meu túmulo. Depois, o homem da rosa, como um génio do mal, pegou em tudo, atravessou o mar... e... senhor! desde então, ignoro o que seja repouso! Os mortos das redondezas, sabedores de que não tenho quem me defenda, vêm roubar-me a comida, o óleo de rícino, a gengibre, as essências e as velas perfumadas com que os meus descendentes continuam a render-me piedosas homenagens... Se quero comer, tenho de sair a arranjar comida; converteram-me num desses espíritos pedicões, desses que fazem horror a qualquer chinês honrado. Tenho de alimentar-me de tripas de galinha, gatos mortos e dos meus próprios parasitas, eu, um vice-rei! Além disso, sou obrigado à promiscuidade de fantasmas sem categoria nem se-

putura; marinheiros desaparecidos nas tempestades do mar, camponeses fulminados pelo ralo, «coolies» mortos no estrangeiro, soldados que ficam nos campos de batalha... Veja, pois, meu senhor, que horrível destino, sem possibilidades de ser promovido a um posto superior, obrigado a ser sombra sem direito a uma alegria póstuma!

Aqui, o chinês abriu a esteira e Mr. Doolittle viu um esqueleto esverdeado, leve e ente tocado de uma fosforescência astral...

— Enfim — suspirou «Mister» U — depois de muito trabalho consegui saber que o meu carrasco era o sr. Willy Judesheim, residente em Nova-York. Sei também onde ele mora. Mas não sei que hei-de fazer. Onde está a vossa justiça?

— Não sei! — disse Mr. Doolittle aborrecido. — Já te disse que sou irlandês e sei regular os meus assuntos sem precisar da justiça.

— Repare, senhor, que eu nem tenho a possibilidade de me vingar de Mr. Judesheim, como é de bom uso na China, suicidando-me na sua presença, uma vez que estou morto. Não fora isso e arranjaría uma morte espectacular, a força, por exemplo. E, para o tornar publicamente responsável da minha morte, escreveria na minha pele a razão do suicídio. Porém, contra o impossível, tudo é inútil. Só me resta o recurso de apelar do seu auxílio... Como havia perguntado: este é que é o n.º 489 da Quinta Avenida?

Com o dedo descarnado, «Mister» U apontou um palácio estilo Tudor, que nada faria

prever um estabelecimento comercial, se não fora aquele rectângulo de mármore onde se lia:

WILLY JUDESHEIM
perito e comerciante
de antiguidades
chinesas.

— Sim, é aqui! — disse o espectro, enquanto Mr. Doolittle aplicava a vista para ler. — Vamos apresentar-nos. Sinto-me atrapalhado neste país em que as casas têm mais que um andar, as mulheres têm uns pés enormes e onde não há lama amarela nem camelos. Eis o que eu espero do senhor... Grite bem alto: «Yu-Tse Li-Koo Chang Kang-Sou K'iu K'inn Tse».

Mr. Doolittle, porém, parecia recear comprometer-se. E, então, o chinês explicou:

— Esta frase significa: «Por ordem imperial, esta chusma deve regressar a Kan-Sou imediatamente!». A esta ordem, os meus criados de barro cozido, que são do tempo em que os vilões respeitavam os amos, obedecerão e regressarão ao meu túmulo. Mas, aqui, o essencial, é que seja o senhor e não eu quem fale. Não sei se sabe que existe um prolongamento da autoridade terrena sobre os seres infernais. Onde um fantasma é apenas um fantasma — o prestígio de um vivo permanece intacto...

Ainda assim, Mr. Doolittle lembrou que não podia introduzir-se em casa de Mr. Judesheim, porque as portas estavam trancadas e guardadas por detectives, mas «Mister» U atalhou:

— Não é preciso entrar. Aproxime-se da parede e logo verá os meus servidores no «hall» do primeiro andar, dispostos nas redomas. A falta de espada, tão útil para nos impormos junto de um espírito fraco, poderá brandir o guarda-chuva em direcção dos quatro pontos cardeais. E, sobretudo, grite como lhe pedi...

Mr. Doolittle gritou, de facto, como se estivesse num acto eleitoral. Mas, então, ouviu-se um barulho espantoso. O guarda-nocturno apareceu. Dois polícias chegaram a correr, seguidos de vários jornalistas e jornaleros... Depois, reinou um silêncio de morte...

— Agradeço-lhes, senhor — disse o homem coberto de estreiras. — Como vêem, o galo branco que levei e que é companheiro de fantasmas, começa a dar mostras de se impacientar. O seu primeiro canto não tardará. Preciso de voltar ao meu túmulo que para os senhores, seres viventes, é a vinte e cinco dias de caminho. Mas, com a ajuda do inferno, lá estarei dentro de segundos. Aceitem, pois, esta lembrança...

Ao dizer isto, «Mister» U depositou no «Ford» de Mr. Doolittle um pesado sacco com prata, prêso — disse ele — com mil ligaduras. Depois, o galo cantou, o chinês embrulhou-se e desapareceu tragado pela noite.

Mr. Doolittle seguiu para casa, não sem se lhe ter custado a encontrar o andar, a porta e a fechadura. Atirou com o sacco para debaixo da cama e adormeceu.

Ao despertar no dia seguinte, viu-se vestido de cerimónia. Trouxeram-lhe o «New-York Times». Na primeira página, dizia-se que a casa de Mr. Judesheim, o eminente perito, havia sido roubada de noite e que, uma colecção, única, de objectos chineses e de grande antiguidade, pela qual o Museu de Boston oferecera, recentemente, um milhão de dólares, fora encontrada em pedaços, no passo que outras peças mais raras — umas estatuetas funerárias, recém-importadas da China — desapareceram.

Mr. Doolittle lembrou-se, então, da sua «lembrança». Meteu a mão debaixo da cama e encontrou o sacco. Saltou para o chão mas, pegando no volumoso objecto, este deu um estacão e Hr. Doolittle caiu de cócoras. O sacco não pesaria mais que o jornal! Desconcertado, procurou uma tesoura para cortar as mil ligaduras e abriu o sacco que estava cheio de rodellas douradas. Até pareciam «confetis» trazidos por engano de algum clube! Mas não eram. Na verdade, não passavam dessa moeda «fictícia» de papel que na China costuma distribuir-se nos enterros...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Lisboa), L.º — Trav. Condessa do Rio, 27